

ATLAS WIKI ESCOLAS: ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM GEOGRAFIA I E II



ORGANIZAÇÃO:
WIKI ESCOLAS/UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA
PROJETO DE EXTENSÃO WIKIESCOLAS

ATLAS WIKIESCOLAS:
Estágios Supervisionados em Geografia I e II

Porto Alegre
UFRGS
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
NÚCLEO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA

Av. Paulo Gama, 110. Farroupilha - Porto Alegre/RS
wikiescolasufrgs@gmail.com
<https://www.ufrgs.br/neegeo/>
@neegeoufrgs



Capa: Carolina Martinelli dos Santos e Hélen Fagundes da Silva (sobre a imagem de Observa POA)

Projeto gráfico: WikiEscolas UFRGS

Editoração: WikiEscolas UFRGS

Impressão: Gráfica da UFRGS

Revisão geral: Élide Pasini Tonetto e Hélen Fagundes da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A881

Atlas WikiEscolas : estágios supervisionados em Geografia I e II / UFRGS.

Núcleo

de Estudos em Educação e

Geografia (Org.) - Porto Alegre: UFRGS, 2022.

124 p.

ISBN 9786559731541

1. Formação de professores. 2. Geografia. I. UFRGS/ Núcleo de Estudos

em

Educação e Geografia.

CDU 91:37

Bibliotecária: Evelin Stahlhoefer Cotta - CRB 10/1563

Para as escolas Emeb Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, E.E.E.F Leopolda Barnewitz, E.E.E.F Luciana de Abreu, EMEF Porto Novo, Escola Porto Alegre, Escola Anne Frank, ao Quilombo do Areal e aos demais espaços educativos diversos, um agradecimento especial pelo acolhimento dos/as estagiários/as.

Aos estudantes das disciplinas de Estágio Supervisionado em Geografia I e II de 2021, pelo empenho e dedicação na construção deste atlas. A Licenciatura em Geografia se fortalece através de vocês.



SUMÁRIO

Quem Somos	9
Convite do WikiEscolas	10
Lista de Siglas e Acrônimos	11
Conheça as Escolas dos Estágios I e II e a Atuação dos Estagiários e Estagiárias	13

Estágio Supervisionado em Geografia I 2021/1

1. E.E.E.F Leopolda Barnewitz	14
Mapa de Localização da Escola	16
Cristiano Fagundes Jardim, Felipe Casanova, Laura Isabel dos Santos Flores, Marcelo Rates Roncato e Maria Antônia Claro de Souza	
2. E.M.E.B. Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha	26
Mapa de Localização da Escola	28
João Gabriel Lorde de Souza, Kelly Cristina Pedroso Cardoso, Rafael Salami Dora, Rafaela Rodrigues e Ricardo Gabriel Luisi	
3. E.E.E.F. Luciana de Abreu	34
Localização da Escola	36
João Pedro Silva Barbosa e Raul Gick Schumacher	
4. E.M.E.F. Porto Novo	41
Localização da Escola	43
Emiliano Zuchetti Teixeira, Mariana Barth Presser e Pedro Henrique Razzia Lira	



Estágio Supervisionado em Geografia I 2021/2

- | | | |
|----|--|----------|
| 5. | E.E.E.F Leopolda Barnewitz
Localização da Escola | 52
54 |
| | Gabriela Borba Bispo dos Santos, Gabrielle Bezerra da Silva, Leandro Santanna Cabreira e Sandro Monticelli Petró | |
| 6. | E.M.E.B. Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha
Mapa de Localização da Escola | 62
64 |
| | Guilherme Batistella, Gregory Cardoso Marmacedo Ribeiro e Leonardo Rosa Paixão | |
| 7. | E.E.E.F. Luciana de Abreu
Mapa de Localização da Escola | 70
72 |
| | Bruno Ferreira Balbinot, Leonardo Bessestil de Melo e Pedro Wenzel Moraes | |

Estágio Supervisionado em Geografia II 2021/2

- | | | |
|----|---|----------|
| 8. | Espaço Educativo Comunitário Quilombo do Areal
Mapa de Localização do Espaço Educativo | 82
83 |
| | João Gabriel Lorde de Souza, Rafael Salami Dora e Ricardo Gabriel Luisi | |
| 9. | E.E.E.M Anne Frank
Mapa de Localização do Espaço Educativo | 90
92 |
| | Cristiano Fagundes Jardim, José Luis Dimer Schutt, Kelly Cristina Pedroso Cardoso, Marcelo Rates Roncato, Mariana Barth Presser, Rafael Augusto Braga e Rafaela Rodrigues | |



10. E.M.E.F Porto Alegre	102
Mapa de Localização do Espaço Educativo	104
Gabriela Bezerra da Silva, Gianluca de Souza Pozzi, João Pedro Silva Barbosa, Maria Antonia Claro de Souza, Nicole Magalhães Poltozi, Pedro Henrique Razzia Lira, Pedro Wenzel de Moraes, Raul Gick Schumacher, Rodrigo Cambará de Aquino Silveira, Sandro Monticelli Petró e William Prux	
Para Saber Mais	121
Quer Colaborar?	124



QUEM SOMOS?

Projeto Integrado de Ensino–Pesquisa–Extensão WikiEscolas: mapeamento colaborativo e diálogos entre universidadeescola–comunidade, composto por:

Professoras orientadoras dos Estágios Supervisionados em Geografia - UFRGS;

Estudantes bolsistas do Projeto WikiEscolas;

Estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS;

Professores/as e direções das redes pública municipal e estadual, localizadas em Porto Alegre/RS.

Lideranças e responsáveis por espaços educativos diversos (Quilombos, Cursos Pré–Vestibulares Populares e outros.) da rede parceira;

EQUIPE 2021/2022:

Coordenação: Denise Wildner Theves e Élide Pasini Tonetto

Bolsistas de Extensão: Hélen Fagundes da Silva, Jetro Nithamer Lisbôa e Mariana Nicolini Acosta

Bolsista de Pesquisa: Carolina Martinelli dos Santos

Monitoria: Natasha dos Santos Moura e Andrey Reinehr Zarpelon

Equipe 2022/2023:

Coordenação: Denise Wildner Theves, Élide Pasini Tonetto e Larissa Corrêa Fir

EQUIPE 2022/2023:

Coordenação: Denise Wildner Theves, Élide Pasini Tonetto e Larissa Corrêa Firmino

Bolsista de Extensão: Hélen Fagundes da Silva

Bolsista de Pesquisa: Carolina Martinelli dos Santos

Monitoria: Andrey Reinehr Zarpelon e Mariana Nicolini Acosta



CONVITE DO WIKI ESCOLAS

Neste Atlas você encontrará algumas das experiências entre universidade-escolas-comunidades em tempos de COVID-19 e Ensino Remoto Emergencial (ERE). Os registros nele mapeados são de autoria dos/as estagiários/as das disciplinas de Estágio Supervisionado em Geografia I e II, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos semestres acadêmicos 2021/1 e 2021/2, em parceria com os/as professores/as de Geografia das escolas públicas parceiras.

O Atlas é fruto do trabalho colaborativo e coletivo de estagiários/as, estudantes bolsistas e diferentes agentes públicos. Esperamos que ele possa ser mais um elo para acolher cuidadosamente os/as estagiários/as, bem como, fortalecer e dar visibilidade a rede de escolas públicas parceiras. Almejando que as referências geográficas e pedagógicas de localização e orientação das escolas mapeadas colaborativamente, possam: 1) subsidiar (orientar/nortear/sulear) os próximos grupos de estudantes da disciplina; 2) ser um retorno e agradecimento às escolas parceiras; 3) movimentar a rede colaborativa para a importância de registrar e difundir experiências dos estágios nos processos de formação inicial e continuada de professores/as.

A criação desta obra surgiu dos desafios e inquietudes dos/as estagiários/as, bolsistas da extensão, professoras orientadoras e supervisoras de estágio, tendo como lócus as ações do Projeto WikiEscolas-UFRGS. Nosso desejo é articular cada vez mais universidade-escolas-comunidades, por meio de um ensino de Geografia em que a produção de conhecimento geográfico e educacional possam contribuir para transpor os limites do trabalho docente, em diálogo com as geografias das vidas que pulsam em escolas e espaços educativos diversos.

*Fica o convite do WikiEscolas:
Para uma entrada “remota” nas escolas...
Para os encontros e os abraços (sempre que possível).
Boa leitura!*

EQUIPE WIKI ESCOLAS 2021/2022 - 2022/2023.



LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

CB: Cidade Baixa

CME: Conselho Municipal de Educação

COVID: Corona virus disease

CRE: Coordenadoria Regional de Educação

CTG: Centro de Tradições Gaúchas

DEM HAB: Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre/RS

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA: Educação de Jovens e Adultos

EMEF: Escola Municipal de Ensino Fundamental

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

EPA: Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre

ERE: Ensino Remoto Emergencial

FIES: Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIAU: Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre/RS

NTE: Núcleo de Trabalho Educativo

Observa POA: Observatório da Cidade de Porto Alegre

POA: Porto Alegre

P: Projeto Político Pedagógico

PROUNI: Programa Universidade para Todos

SAIA: Serviço de Acolhimento, Integração e Acompanhamento

SEDUC: Secretaria Estadual da Educação

SEJA: Serviço de Educação de Jovens e Adultos

SIR: Sala de Integração e Recursos da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre/RS

SISU: Sistema de Seleção Unificada

SMED: Secretaria Municipal de Educação

SOE: Serviço de Orientação Educacional

SUAS: Sistema Único de Assistência Social

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA: Universidade Luterana do Brasil

CONHEÇA AS ESCOLAS DOS ESTÁGIOS I E II E A ATUAÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS E ESTAGIÁRIAS

O Espaço das Escolas está dividido em três seções, são elas:

1.

CAPA DA ESCOLA

Nela, os estagiários e estagiárias sintetizaram livremente sua experiência na escola durante o estágio, por isso temos poemas, prints, colagem de imagens, etc.



É um espaço que apresenta a escola pelo olhar e pela relação do/a estagiário/a com ela.

CONHEÇA A ESCOLA 2.

Apresenta informações gerais de funcionamento da escola e uma síntese do contexto histórico e geográfico da escola e sua comunidade. É uma seção porta de entrada para os/as estagiários/as organizarem seu plano de atuação na instituição.



3.

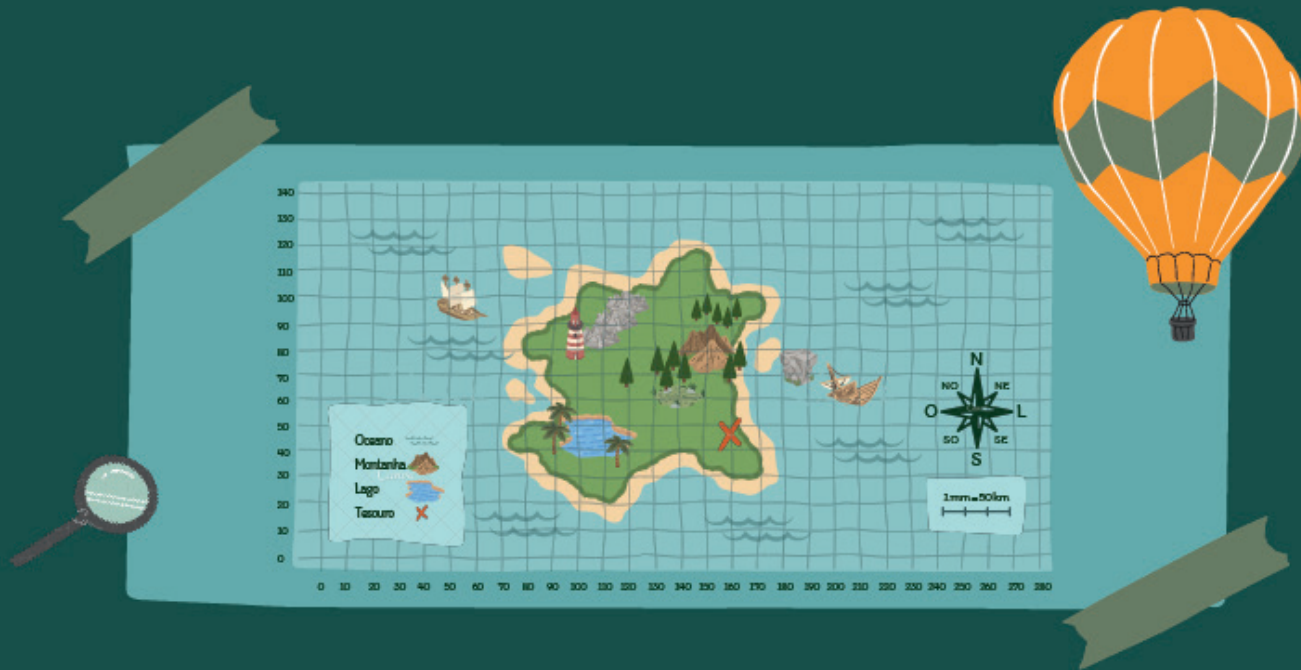
CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS - DIVIDIDA EM TRÊS PARTES:

- 1) Observação;
- 2) Planejamento + Atuação;
- 3) Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as.

Nelas, há um relato dos/as estagiários/as sobre sua rotina de pesquisa e atuação, mas não apenas isso, pois além das experiências naquele ambiente escolar, essa seção permite a eles expressarem suas ideias não realizadas e deixar sugestões para os próximos colegas.

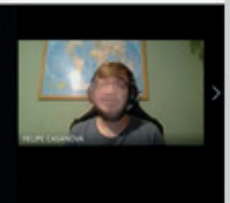


ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I 2021/1





E.E.E.F. LEOPOLDA BARNEWITZ





CONHEÇA A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFA. LEOPOLDA BARNEWITZ¹

Onde fica: R. João Alfredo, 443 - Cidade Baixa, Porto Alegre - RS, 90050-003

Contatos: 51 3228- 3682 E-mail: efleobarnewitz-01cre@educ.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/escola.leopolda.barne> **Instagram:** @escola.leopolda.barne

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ		X			
TARDE	X	X			
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2021: 220 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: Projeto Saúde na Escola, em parceria com o Posto de Saúde Santa Marta. Reforço de aprendizagem especializado (para alunos da escola, encaminhados pelo SOE) e Projeto Escola Melhor, sociedade melhor, entre outros.

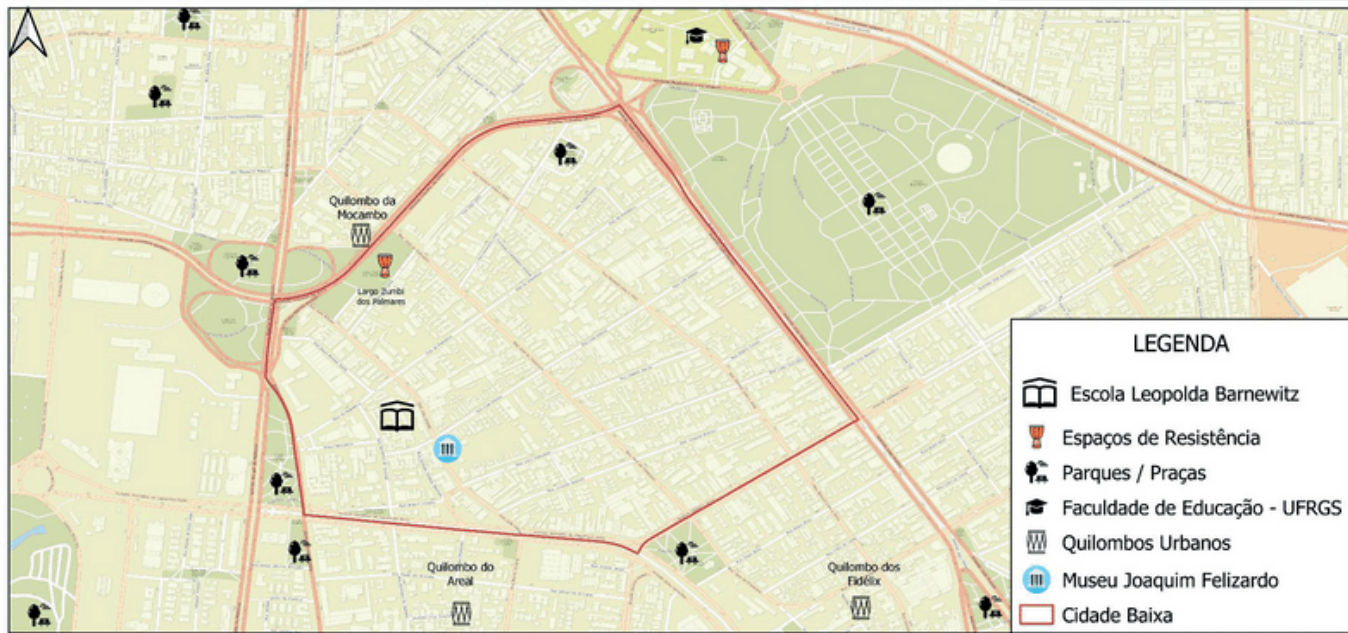
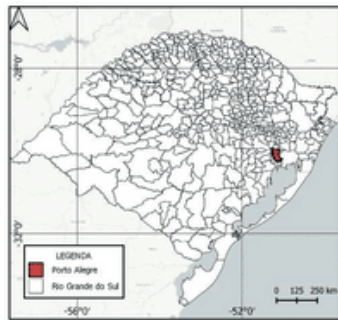


Foto: Acervo WikiEscolas (2021)

¹ Informações obtidas por meio de entrevista com a professora de Geografia, em 08/10/2021.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA LEOPOLDA BARNEWITZ

Sistema de Coordenadas Geográficas: DATUM WGS 84
 Bases Cartográfica do Brasil: IBGE
 Base Cartográfica do Rio Grande do Sul: LABGEO UFRGS
 Base Cartográfica dos Bairros de Porto Alegre: PROCENPA
 Mapa Base de ruas: ESRI e Elaborado por: Felipe Casanova, Laura dos Santos Flores e Maria Antônia Claro.





CONHEÇA A E.E.E.F PROFA. LEOPOLDA BARNEWITZ²

A E.E.E.F. Leopolda Barnewitz foi fundada em 1955, no bairro Cidade Baixa (CB). Por estar localizada na região central de Porto Alegre, recebe alunos principalmente das Zonas Sul e Leste da cidade, bem como, alunos do entorno, como do Quilombo do Areal. É importante citar que a CB é um bairro conhecido por ser, historicamente, um espaço de luta para os movimentos sociais e um lugar de manifestações da(s) cultura(s) popular(es)³.

Por fazer parte da Rede Estadual de Educação, a escola possui o projeto Político Pedagógico ligado ao estado do Rio Grande do Sul. Até o ano de 2020, a escola possuía a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), porém a modalidade foi finalizada, fruto do descaso do governo estadual para com a educação, fazendo com que os alunos desta modalidade migrassem para outra escola. Atualmente (2021), a escola se encontra com ensino híbrido, ou seja, alguns alunos frequentam a escola presencialmente, e outros frequentam de maneira online. No começo da pandemia, cada professor/aluno acabou usando o próprio material que tinha. Posteriormente foram disponibilizados ChromeBooks para professores, e para os estudantes o Estado disponibilizou a Internet Patrocinada, em que a partir de um App chamado “Escola RS” é possível conectar-se à internet. Contudo, muitos estudantes não conseguiram acessar esse recurso por falta de espaço nos celulares, visto que já haviam feito download de outros aplicativos anteriormente solicitados. Portanto, foi inviável, para diversos estudantes da Escola Leopolda, utilizar o aplicativo disponibilizado pelo Estado.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS No semestre 2021/1 dois grupos estagiaram nesta escola.

GRUPO UM: Felipe Casanova, Laura Isabel dos Santos Flores e Maria Antônia Claro de Souza

1 - Observação:

Consideramos, nesta escrita, que a observação no estágio remoto começou antes mesmo de entrarmos em contato com a professora supervisora na escola, nossa observação começou no primeiro dia de aula da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I. Com as professoras orientadoras na UFRGS, através das discussões e das propostas deste estágio, começamos a nos preparar para a atuação enquanto estagiários no Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre/RS.

² Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE, no semestre 2021/1.

³ Para saber mais sobre a geografia da Cidade Baixa, acesse: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/bairro_cidade_baixa_oficial.pdf



Foram realizadas leituras, debates e discussões e, através delas, nosso olhar de estudantes da Licenciatura em Geografia começou a ser aperfeiçoado. As leituras, que foram de bell hooks à Paulo Freire e que falavam de confronto de classe social em sala de aula a um combate à educação bancária, nos auxiliaram na observação propriamente dita, no planejamento e na atuação enquanto estagiários.

Após escolhermos a escola onde atuaríamos (de maneira remota) enquanto estagiários, começamos as pesquisas sobre a história do bairro e em qual contexto político-histórico-social a escola está inserida. Ao realizarmos a entrevista online com a professora de Geografia, escolhemos em qual turma iríamos atuar – 7º ano – e investigamos, de maneira afinca, sobre a escola, sobre os/as estudantes e sobre a sua situação durante a Pandemia de Covid-19 e, através dessas perguntas, foi possível nos prepararmos para atuar de maneira remota. O livro didático utilizado pela professora e pelos/as estudantes também foi investigado: foi realizada uma leitura crítica e pesquisas a partir do que estava no livro. Ao longo de toda nossa atuação, recebemos fotos e outros feedbacks das atividades propostas por nós. O vídeo, as fotos e os feedbacks foram essenciais para conhecermos melhor a turma e nos adaptarmos conforme cada atividade que preparamos.

Foi apenas através das reuniões online com a professora de Geografia que pudemos observar a turma/escola; não foi possível visitar presencialmente a escola (por conta das restrições impostas pela universidade por conta da pandemia) e nem ter algum tipo de contato com outros professores ou funcionários da escola. Por conta de conflitos de horários, também não foi possível observar as aulas, porém, sempre buscamos, ao máximo, perguntar para a professora como estava ocorrendo as aulas e se os/as estudantes estavam gostando e/ou fazendo as atividades.

2 - Planejamento + Atuação:

Durante o decorrer do estágio, tivemos encontros semanais com a professora supervisora em que ela nos passava as demandas a serem cumpridas nas próximas semanas e nos relatava como tinha sido a recepção por parte dos/as estudantes dos materiais produzidos por nós.

No primeiro momento, decidimos que mesmo remotamente gostaríamos de conhecer os/as estudantes, então decidimos propor a seguinte dinâmica: nós, estagiários, gravamos um vídeo nos apresentando e contando três coisas que gostamos e três coisas que não gostamos. Pedimos para que os/as estudantes fizessem o mesmo, e caso alguém não se sentisse confortável para gravar um vídeo poderia realizar a dinâmica em forma de texto.

Nossa atuação consistiu na produção de materiais, como vídeos e exercícios que poderiam ser realizados tanto presencialmente como remotamente, visto que a escola adotou o ensino híbrido. Produzimos duas videoaulas de até dez minutos cada (foi solicitado que os vídeos não fossem muito longos no intuito de conseguir manter a atenção do/a estudante).



A primeira videoaula foi acerca das migrações internas no Brasil, juntamente a ela enviamos uma cruzadinha como proposta de atividade. Após, ainda no assunto de migrações, procuramos vídeos no Youtube em que migrantes falassem sobre sua experiência; esses vídeos foram mostrados aos/as estudantes, juntamente de um mapa mental e um texto-resumo.

Como proposta de atividade, escrevemos uma pequena história de uma migração fictícia com o propósito de auxiliar na realização da atividade, que consistia na produção textual sobre o tema estudado, na qual cada estudante poderia escolher um tipo de migração e contar uma história sobre — o principal objetivo dessa atividade era que os/as estudantes se colocassem no lugar do migrante, entendendo, assim, as dificuldades de imigrar e as problemáticas sobre o assunto, fazendo com que os/as estudantes também desenvolvem a empatia. Em nossa última aula, produzimos uma videoaula sobre o espaço urbano e espaço rural, e como proposta de atividade solicitamos a produção de uma charge ou um desenho crítico representando o espaço urbano e/ou ao espaço rural.

3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

A Geografia, por ser uma ciência tão singular, permite abordar o espaço na sua totalidade, do local ao global, e as suas transformações ao longo do tempo histórico. A Escola Leopolda possui diversas potencialidades no que tange o ensino de geografia, uma vez que se localiza no bairro Cidade Baixa (ver mapa), próxima ao Centro Histórico, e possui diversas praças, espaços de resistência e museus em seu entorno. A Cidade Baixa é um território negro da cidade de Porto Alegre (VIEIRA, 2017), não seria extremamente interessante trabalhar geografia urbana a partir de sua escola e do seu entorno? O meio físico onde a escola se encontra também foi modificado ao longo do tempo, será que os/as estudantes sabem que, antigamente, o Arroio Dilúvio possuía seu canal natural justamente na Rua João Alfredo, onde a escola se localiza? Além das diversas potencialidades que a escola apresenta, a professora supervisora é bastante compreensiva e esteve sempre presente na nossa atuação enquanto estagiários, além de possuir vasta experiência no ensino de geografia e ter nos ensinado e nos orientado com êxito. Por fim, aproveitamos esse espaço para agradecer-lá imensamente: obrigado, “profe”! Por fim, ressaltamos que fazer estágio de maneira remota em uma escola é bastante desafiador e, por vezes, pode ser frustrante. Sentimos falta de toda a troca e afeto que ocorre no ensino presencial (seja na observação, na atuação ou nas aulas na Faculdade de Educação - Faced), das conversas de corredor e dos possíveis cafés pré/pós-aula. Apesar de todos os desafios, temos certeza que aprendemos de maneira efetiva e, apesar de tudo, foi uma experiência bastante positiva.



4 - Referências:

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA LEOPOLDA BARNEWITZ. **IDEB escolas**. Disponível em, <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/43106668>, acesso em 23/11/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017.



GRUPO DOIS: Marcelo Rates Roncato e Cristiano Fagundes Jardim

1 - Observação:

Foram diversos desafios encontrados durante o estágio, a pandemia trouxe à tona a grande diferença social entre estudantes, aqueles que podem estudar remotamente, tem interesse, mas não possuem meios (smartphone, computador, tablet, Internet) e os que tem interesse e meios, mas o próprio ensino remoto dificulta o aprendizado e as interações sociais.

Eu (um dos estagiários) particularmente tive dificuldades quanto aos horários, pois devido aos compromissos com o trabalho foi difícil a dedicação de 100% e acredito que para os/as estudantes da escola isso também foi um desafio, pois muitos tiveram que abandonar ou se dedicar menos aos estudos, para poder colocar comida na mesa, e essa é a realidade hoje em nosso país.

Durante o estágio (remoto) tivemos contato com a professora de Geografia, que nos auxiliou na elaboração dos trabalhos e nos aproximou da turma, claro que não foi o ideal, mas conseguimos observar uma aula e compreender o que os/as estudantes passam, quais suas dúvidas e suas dificuldades.

2 - Planejamento + Atuação:

Infelizmente não conseguimos atuar em aulas síncronas, foram elaboradas atividades assíncronas para uma das turmas do 9º ano, tais atividades serviram de material de apoio para as aulas da professora, uma delas abordou a regionalização da Europa, a outra tratou-se de um caça-palavras, com 12 perguntas sobre as características gerais da Ásia. Também nas observações quanto a turma, foi possível perceber o quanto os/as estudantes estavam cansados/as devido a pandemia e as aulas em frente ao computador ou celular, ainda que as aulas presenciais obrigatórias retornem a partir daquela semana (08 de novembro de 2021), o cansaço e as dificuldades foram visíveis.

Na aula de observação cada correção era discutida entre a maioria dos participantes, nestes momentos percebemos o interesse pela Geografia da maioria deles. A professora de Geografia conduzia a aula sempre com muito carinho e esbanjava conhecimento através de viagens feitas por alguns países, o que gerava maior curiosidade e interações. Foi um momento importante para conhecermos a escola e as aulas como um local de produção da Geografia Escolar.

Muitos dos temas aqui abordados foram discutidos no III Seminário Integrado de Estágio Supervisionado em Geografia, com a apresentação das escolas parceiras dos Estágios Supervisionados da Licenciatura em Geografia, ocorrido em 18 de novembro de 2021⁴.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=La5VWMz8geo>. Acesso em: 20 nov. 2021.



3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

Os anos de 2020 e 2021 ficaram marcados na história, tanto ou mais que a Gripe Espanhola na década de 1920, pela Pandemia de Covid-19. Foram meses que o planeta parou e deixou graves sequelas em corpos, famílias, na economia e nas relações humanas. Analisando nossa experiência no Estágio Supervisionado em Geografia I, na Escola Estadual Leopolda Barnewitz no bairro Cidade Baixa, é preciso um exercício de reflexão junto ao momento histórico em que vivemos e sobrevivemos. Toda uma trajetória de formação alicerçada por experiências anteriores da UFRGS junto a várias escolas que acolhem os/as estagiários/as, tiveram suas narrativas alteradas no biênio 2020/2021 em função da pandemia global causada pelo Covid-19. Todo o planejamento anterior foi alterado por tentativas de ensino remoto, em que nem sempre os/as estudantes da rede pública tinham condições (econômicas, sociais e etc.), para estarem em algo mais parecido com o que conhecíamos por uma AULA, que se manifestaram em uma desconexão generalizada. Aulas presenciais canceladas, ou mesmo a falta da presença dos estagiários/as junto às turmas, fizeram buscar alternativas pedagógicas (emergenciais) juntos aos estudantes e escolas.

Nossa supervisora na escola foi uma professora de Geografia, sempre muito atenciosa e fazendo o relato de suas experiências anteriores junto aos estudantes e estagiários/as. A referida professora nos apresentou um panorama do que poderíamos encontrar no interior de uma escola pública estadual no RS, localizada em Porto Alegre/RS, onde mesmo com escassos incentivos físicos, emocionais e financeiros os/as professores/as exerceram seus ofícios com muita dignidade e altruísmo.

Salienta-se que são mais de 7 anos sem reposição salarial e concursos públicos na Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, problemas estruturais nas escolas e até o fechamento e transferência sem discussão junto à comunidade escolar de grande parte dos/as estudantes da Escola Rio Grande do Sul, localizada na Rua Washington Luiz (Bairro Centro), para a Escola Leopolda (Cidade Baixa), são alguns dos problemas extras ocorridos em meio a pandemia. Sem considerarmos a falta de alimentação para estudantes em situação vulnerável e demais estruturas físicas adequadas para um razoável rendimento destes/as estudantes.

Mesmo com os problemas sentidos ao longo do semestre, a experiência na observação junto aos estudantes foi positiva. Agradecemos às Professoras orientadoras do estágio na UFRGS, aos/as colegas, pelas trocas de suas experiências em outras escolas, e especialmente, pela oportunidade de conhecer a professora de Geografia da escola, que nos possibilitou nosso primeiro estágio. Um agradecimento ainda a Escola Leopolda, uma escola muito bem quista por sua comunidade.



O que nos leva a acreditar que os próximos estágios serão ainda mais desafiadores em função de serem presenciais, bem como, pelos desafios de ir em busca de um resgate na educação no “pós pandemia” ou nos retornos presenciais, que estão acontecendo de modo gradual e desigual.

4 - Referências:

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA LEOPOLDA BARNEWITZ. **IDEB escolas**. Disponível em, <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/43106668>, acesso em 23/11/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800-1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017.

É
PRECISO
ser
Quilô



E.M.E.B. DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA





CONHEÇA A ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA⁵

Onde fica: R. Xavier de Carvalho, 274 - Sarandi, Porto Alegre - RS, 91110-440

Contatos: 51 3364-1065 E-mail: emeb.liberatosalzano@med.prefpoa.com.br

Facebook: <https://www.facebook.com/emebiberatopoa/>

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X				
NOITE			X	X	

Total de estudantes matriculados em 2021: 1.141 estudantes

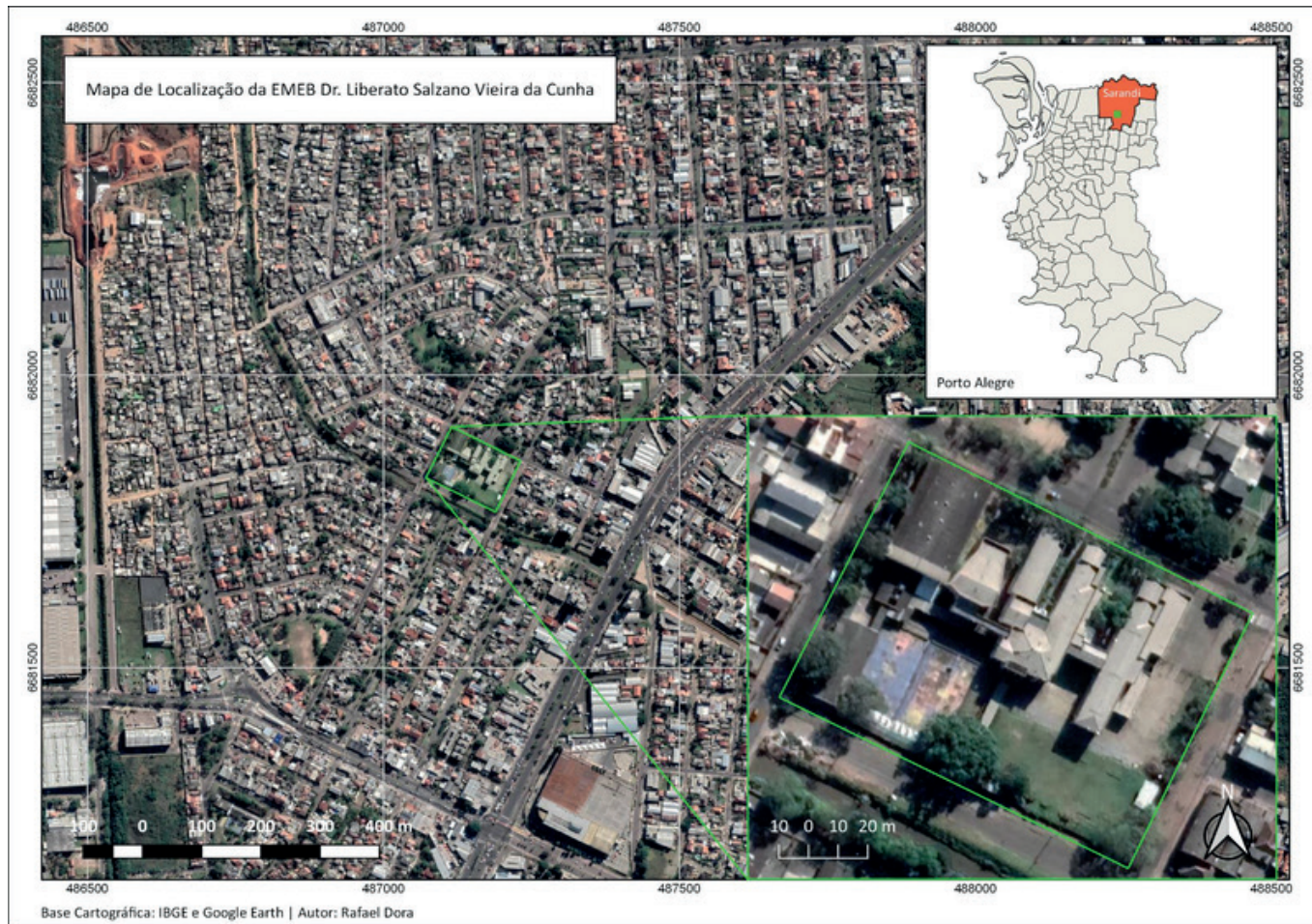
Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: No ensino médio: Seminário Movimentos Sociais, Moscitec (Mostra de Iniciação científica, cultural e empreendedorismo da escola), Gincana cultural, Projeto "Adote um Escritor".



Foto: Bibiana Brum/Divulgação PMPA

⁵ Informações obtidas por meio de entrevistas com os professores de geografia, bem como, em Consultas em secretário da escola.





CONHEÇA A E.M.E.B DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA⁶

Localizada na Rua Xavier de Carvalho n° 274, na Vila Elizabeth, bairro Sarandi, na zona norte da cidade de Porto Alegre, a Escola Municipal de Educação Básica Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha (EMEB Liberato), foi fundada em 03 de maio de 1954. A escola é referência para o bairro Sarandi e para cidade de Porto Alegre por ser uma das primeiras escolas criadas na região, além da ampla estrutura e espaço físico, fatores que lhe renderam a oportunidade de sediar projetos culturais e reuniões do orçamento participativo da cidade. Ademais, a escola é a única da região a oferecer ensino técnico entre suas modalidades, o que dialoga com a renda mensal das famílias do bairro Sarandi, que segundo o Censo Demográfico de 2010⁷ era de 2,64 salários mínimos (SM), cerca da metade do rendimento médio para Porto Alegre que é de 5,30 SM. Ou seja, o público da escola são estudantes de famílias de trabalhadores e trabalhadoras.

O bairro Sarandi é o segundo mais populoso da capital gaúcha, com 59.707 moradores registrados, segundo o censo de 2010, e é constituído por inúmeras comunidades de baixa renda denominadas “vilas”, como é o caso da Vila Elizabeth, onde se localiza a EMEB Liberato. Por estar localizada na Vila Elizabeth, uma das mais antigas a constituírem o bairro Sarandi, a EMEB Liberato possui um grande número de estudantes, a maioria residente no próprio bairro, com ampla diversidade étnica, cultural e de gênero, o que se incorpora muito bem aos projetos sociais que acontecem dentro da escola e que valorizam saberes e aspectos culturais distintos, como é o exemplo da oficina realizada pela comunidade do Quilombo dos Machado, que fica próxima à escola. Ao encontro disso, o Projeto Político Pedagógico da escola fortalece a ideia de que o sucesso das ações pedagógicas reside no diálogo aberto e próximo entre a escola, a comunidade, as famílias e os movimentos sociais.

Assim como nas escolas da Rede Municipal de Porto Alegre, a EMEB Liberato possui Ensino Fundamental no formato de ciclos em que A10, A20 e A30 correspondem respectivamente ao 1º, 2º e 3º ano. B10, B20 e B30 correspondem ao 4º, 5º e 6º ano, assim como as C10, C20 e C30, que correspondem ao 7º, 8º e 9º ano. A estrutura da escola conta com 23 salas de aula, 16 salas de utilidade específica, além de uma biblioteca, 3 laboratórios de informática, auditório, refeitório, ginásio de esportes com quadras poliesportivas e Sala de Integração de Recursos (SIR).

⁶ Por meio do recorte temático da investigação Realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE, não semestre 2021/1.

⁷ IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

GRUPO DOIS: João Gabriel Lorde de Souza, Kelly Cristina Pedroso Cardoso, Rafael Salami Dora, Rafaela Rodrigues e Ricardo Gabriel Luisi

1 - Observação:

Inseridos no cenário pandêmico do Covid-19 desde o começo do ano de 2020, que agravou ainda mais o abismo social que existe no país, em especial no setor da educação pública, já esperávamos que aqueles desafios vivenciados como estudantes no período de Ensino Remoto Emergencial (ERE), como a falta de trocas entre professores e estudantes, além das dificuldades de acesso às tecnologias digitais como parte do aprendizado, estivessem presentes também durante o estágio obrigatório. Contudo, situações de conjuntura vividas pela EMEB Liberato configuraram novos desafios para a realização do estágio. A troca de professores de geografia que aconteceu no início das nossas atividades como estagiários(as) na escola, nos distanciou da ideia que tínhamos de nos organizarmos para ação através do planejamento pedagógico, tornando mais complexo nosso campo de atuação na escola. De início utilizamos a ferramenta de entrevista gravada com a professora de Geografia, nossa primeira supervisora de estágio, para coletar informações sobre a escola e mergulhar no contexto que a EMEB Liberato está inserida.

Num segundo momento, a professora, segunda (profa.) a supervisionar nossas atividades de estágio, nos forneceu os subsídios necessários para o planejamento das aulas das turmas C10 (7º ano) e B30 (6º ano), as quais ficaram sob nossa responsabilidade, em virtude da falta de professores de Geografia na escola naquele momento. Iniciamos o trabalho com as turmas C10 e B30 a partir do conteúdo do livro didático, elaborando aulas que foram gravadas e disponibilizadas em outras turmas dos ciclos que também não possuíam professor de geografia. Complementando as aulas gravadas, elaboramos materiais com resumos dos conteúdos, acompanhados de atividades interativas que dialogassem com cada conteúdo. Na metade final do período de estágio a escola recebeu um novo professor de geografia que também atuou supervisionando nosso processo de estágio. Com o auxílio de tal professor elaboramos uma atividade, ela consistiu em uma proposta de feedback dos/das estudantes para com os/as estagiários/as, ela partiu das próprias escritas dos estudantes, que nos contaram o que eles sentiram durante o período em que estudaram em casa, longe da escola, dos/das colegas e como se sentem agora que as aulas presenciais estão retornando.

Embora as condições para a realização do estágio obrigatório, controladas pela pandemia do Covid-19, acrescida a troca de professores vivenciada pela escola naquele momento, não tenham se apresentado da maneira a qual esperávamos, a coesão do grupo de estagiários e o apoio das orientadoras e das supervisoras(es) de estágio, coordenadores e equipe diretiva da escola resultaram no êxito das atividades de estágio e no aprendizado real e concreto dos contextos escolares, vivenciados principalmente pela rede pública de Educação.



2 - Planejamento + Atuação

A dinâmica de trabalho do grupo de estágio na EMEB Liberato pautou-se na autonomia, tanto no planejamento quanto na atuação, adquirida pelos/as estagiários/as frente às circunstâncias vivenciadas pela escola, neste caso a ausência de professores/as de geografia que possuíssem carga horária livre para todas as turmas dos ciclos. Frente a isso, os/as próprios/as estagiários/as reuniam-se semanalmente para construir o planejamento e organizar a atuação em sala de aula remota-síncrona duas vezes na semana, nas segundas-feiras com a turma C10 e nas quartas-feiras com a turma B30, ambas no turno da manhã, segundo os conteúdos que já haviam sido trabalhados e os que ainda necessitavam ser trabalhados com as turmas. Grande parte das nossas ações aconteceram apoiadas no Livro Didático Araribá Mais Geografia da Editora Moderna, recurso que se mostrou muito útil durante a nossa atuação na escola, sobretudo em razão da autonomia precoce que adquirimos no processo de estágio.

Para efetivarmos nossa atuação em sala de aula com os/as estudantes, contamos com o apoio do professor para conduzi-los até a sala de vídeo da escola, onde podiam assistir a aula no telão e interagir por um microfone que ficava na mesa do professor. Em alguns encontros nós conseguimos ver alguns/algumas estudantes pela tela de um celular que ficava também à mesa do professor. Logo percebemos que a distância entre a atuação remota (estagiários/as) e o presencial (estudantes) nos tirava quase todas formas de interação possíveis em sala de aula, ficando nítido que os/as estudantes não sentiam-se parte da aula e muito menos que estavam aprendendo, o que mostrou-se de fato uma barreira difícil de ser transposta com as atividades de estágio no formato atual. Contudo, buscamos atuar engajados da melhor maneira que podíamos considerando a situação inesperada de sermos colocados/as para ministrar as aulas em um contexto tão adverso. Planejamos em conjunto, construímos propostas de aulas, elaboramos resumos dos conteúdos e propusemos algumas atividades para serem desenvolvidas nas turmas pelos/as professores/as quando possível. Mesmo com as dificuldades nos colocamos à prova e acreditamos que o processo nos enriqueceu enquanto futuros docentes de geografia, críticos/as e reflexivos/as, sobretudo no que diz respeito à diversidade de situações inesperadas que poderemos encontrar nos espaços de ensino daqui para frente.

3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

Desde o início do nosso trabalho como estagiários(as) na EMEB Liberato um universo de possibilidades, e também de desafios, nos foi apresentado em virtude da situação que a escola vivenciava relativo à troca de professores de geografia e ao retorno das aulas presenciais na escola, após mais de um ano de ensino remoto em função da pandemia do Covid-19, que ainda se faz presente no país. O descompasso entre o ensino na UFRGS, em formato remoto (ERE), o



ensino na EMEB Liberato, em formato presencial, constituiu a primeira barreira a ser vencida pela equipe de estagiários/as, isso porque a escola demandava nossa atuação presencial, enquanto o alcance do nosso trabalho estendia –se apenas ao espaço da sala de aula remota. Com bastante diálogo e empenho do grupo de estagiários/as, auxiliados/as pelas professoras da disciplina, juntamente com os professores/as de geografia e a equipe diretiva da escola, conquistamos o direito de dar início aos trabalhos de estágio na escola, mesmo com alguns desafios em nosso horizonte de atuação.

Conhecendo um pouco melhor o contexto do bairro e da escola por meio das entrevistas com os/as professores/as e dos diálogos por mensagem com a equipe diretiva, as possibilidades de trabalho foram surgindo e nos surpreendendo do ponto de vista da estrutura que EMEB Liberato possui e do comprometimento de ação só

os/as profissionais da escola tem para com ela, mas também que os/as estudantes nutrem ao participarem dos projetos e das ações criativas que acontecem no espaço escolar. A escola conta com inúmeros projetos que buscam aproximar a comunidade do bairro Sarandi, em especial as famílias dos/das estudantes, através da realização de eventos como as gincanas, as quermesses e as apresentações artísticas que ocorrem durante o ano letivo. Dentro da escola existem grupos de dança, de música, de poesia e muitos outros que influenciam positivamente os/as estudantes a se expressarem dentro do espaço escolar, o que sabemos que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e conseqüentemente para o seu aprendizado. Gostaríamos de pontuar alguns aspectos que encontramos no espaço de ensino da EMEB Liberato durante nossa jornada de estágio e que, mesmo não havendo a possibilidade de explorarmos melhor, acreditamos que estejam à disposição para o trabalho dos próximos grupos de estagiários/as da escola.

Em primeiro lugar, poderíamos pontuar o fato de que a EMEB Liberato é uma das maiores e mais tradicionais escolas públicas do bairro Sarandi, o segundo bairro mais populoso de Porto Alegre, e como reflexo direto disso a escola atende um público muito amplo e diversificado. Consideramos que esse grande número de estudantes constitui um pequeno-grande universo de possibilidades para práticas pedagógicas críticas, ativas, inclusivas e o que mais se quiser fazer dentro das atividades propostas pelo estágio obrigatório.

Também gostaríamos de destacar a ótima relação que a escola mantém com a SMED o que lhe rende a oportunidade de atrair recursos financeiros e iniciativas de projetos do Estado e de fora do país. A exemplo, a escola mantém projetos com instituições da Itália e da Alemanha, relacionados à preservação do patrimônio histórico e cultural da arquitetura dos prédios da escola, no caso da parceria com os italianos, e destinado à criação e manutenção de hortas comunitárias dentro do espaço da escola, no caso do projeto alemão. Além disso, a escola também mantém a realização periódica de oficinas ministradas pela comunidade quilombola do Quilombo dos Machado, localizada no bairro Sarandi, bem próximo à escola.



Todos esses projetos reúnem inúmeras possibilidades de atuação por parte dos futuros grupos de estagiários/as, sobretudo frente ao prelúdio de que as atividades de estágio ocorram de maneira presencial nos próximos semestres. Outro ponto alto da escola é o seu espaço físico, que é amplo e bem estruturado, oportunizando a realização de atividades diversas e que podem ocorrer tanto ao ar livre como dentro das dependências da escola. Nesse sentido, as possibilidades são realmente diversas, ao passo que a escola conta com amplo pátio aberto, quadras poliesportivas, ginásio fechado, salas de vídeo, auditório, laboratório de informática e biblioteca. Todos esses espaços são riquíssimos e bem amparados para utilização em conjunto com as atividades de ensino de geografia. Em virtude das condições atípicas de momento, o grupo não pôde usufruir da maior parte da estrutura física da escola, mas salienta que as portas estão abertas para os futuros estagiários.

Como comentamos no início deste relato, os desafios em realizar o estágio obrigatório na EMEB Liberato foram tão grandes quanto as potencialidades que encontramos no seu espaço de ensino. Compreendemos que os desafios fazem parte da jornada docente e estarão sempre presentes em nossos cotidianos, assim como as alegrias e os prazeres em ensinar geografia. Nem todas as barreiras encontradas durante o percurso do estágio obrigatório foram transpostas, tivemos que reconhecer os limites das nossas ações e até em alguns momentos reduzir nossa expectativa frente à experiência do estágio, pois sabíamos que naquele momento, com aquelas conjunturas, não seríamos capazes de alcançar mais. Foram momentos de conciliação interna entre o nosso desejo e ansiedade de atuar em sala de aula e as limitações impostas pelo meio, pelas instituições e pela conjuntura atual do país. Contudo, ressaltamos que mesmo frente a todas as situações desafiadoras impostas ao nosso trabalho como estagiários/as, persistimos na concretização deste e tivemos o apoio das orientadoras de estágio e dos(as) supervisores(as), assim como toda equipe da EMEB Liberato que esteve em contato conosco durante o período de estágio obrigatório.

Enfim, fechamos ressaltando que o portão de ferro cor verde abacate do prédio nº 272 da Rua Xavier de Carvalho, na Vila Elizabeth, bairro Sarandi, zona norte desta capital, estará escancarado para os/as próximos/as estudantes de geografia que optarem por realizar seus estágios nesta escola. Um agradecimento especial a todos e todas que estiverem presentes de alguma maneira durante o nosso período de estágio.

E.E.E.F. LUCIANA DE ABREU



33

FOTO: ARQUIVO PESSOAL DE RAUL SCHUMACHER, 10/11/2021.



CONHEÇA A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LUCIANA DE ABREU⁸

Onde fica: R. Gen. Jacinto Osório, 60 - Santana, Porto Alegre.

Contatos: (51) 3223-2220 E-mail: eflucianaabreu-01cre@educ.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/escolaludeabreu/>

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X	X			
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2021: 125 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: não tem projetos, apenas o Projeto de Vida.

Arte de um aluno na sala de aula de Geografia

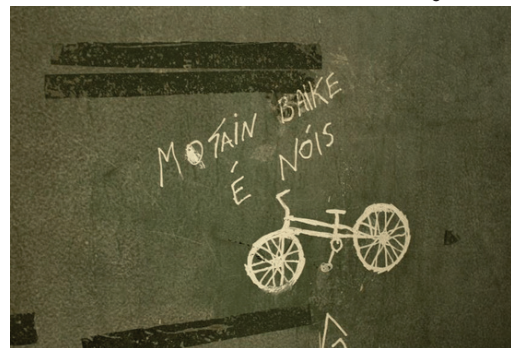
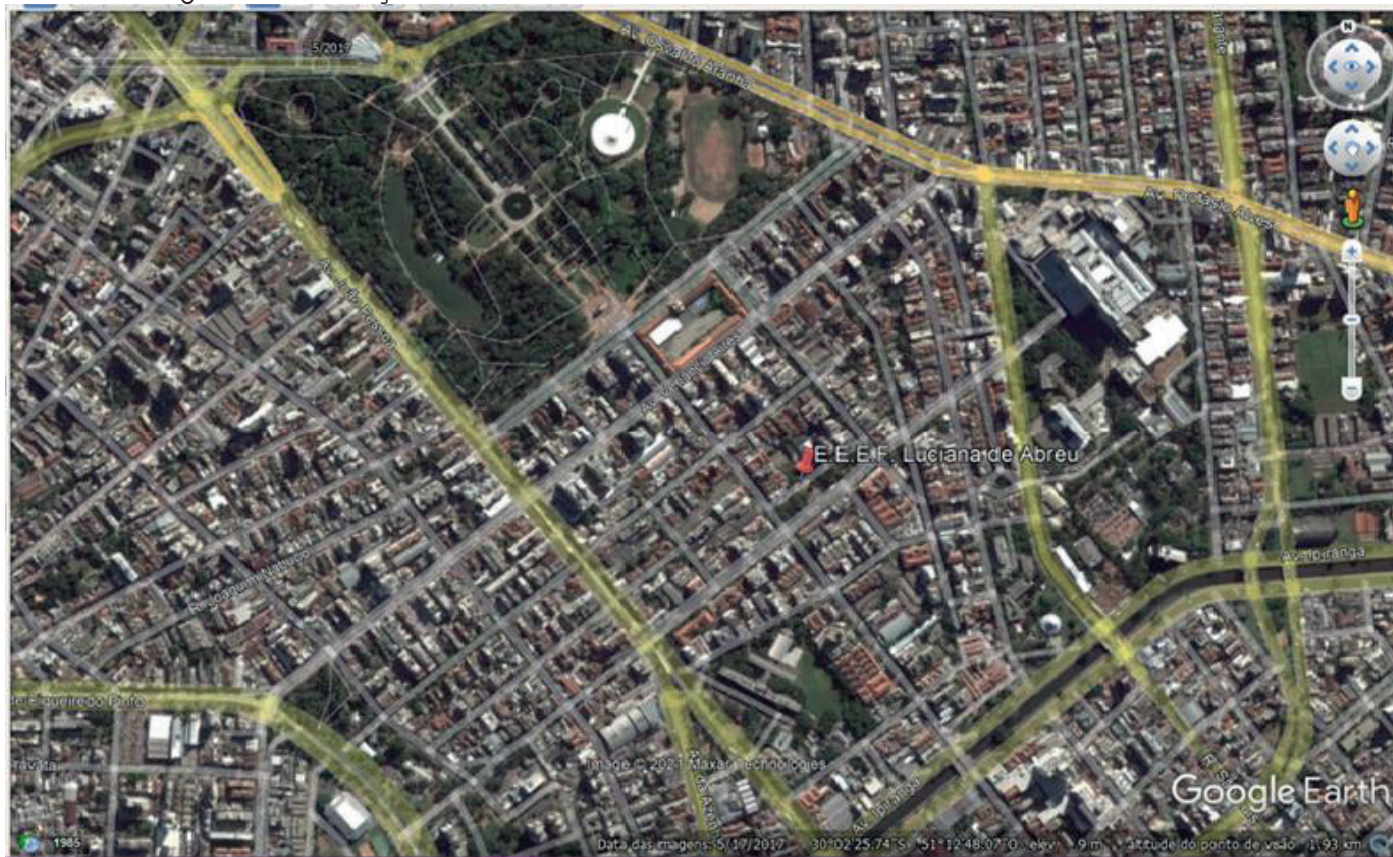


Foto: Arquivo pessoal da professora de Geografia, 2021.

⁸ Informações obtidas por meio de entrevista com a professora de Geografia e com a diretora da escola em 2021.

Figura 2: Localização da Escola Estadual de Ensino Fundamental Luciana de Abreu



Fonte: Google Earth, 2021.



CONHEÇA A E.E.E.F. LUCIANA DE ABREU⁹

A escola foi fundada oficialmente em 1934, denominada Grupo Escolar Luciana de Abreu, quando funcionava em um prédio na Av. João Pessoa. Mas desde 1909, uma senhora chamada Crispiniana Antônia de Campos já lecionava para um grupo de estudantes em sua própria casa, ao que se denominava aula singular. Em 1930, o Estado nomeia outras professoras para lecionar com Crispiniana, por pressões da comunidade que reclamava escola para seus filhos. Em 1978 se torna Escola Estadual de 1o Grau Luciana de Abreu. A escola recebeu o nome atual em homenagem a uma menina deixada na Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Luciana de Abreu foi então adotada por um senhor que trabalhava como guarda-livros. Concluiu os estudos e foi a primeira jornalista e escritora do RS. Como escritora destacou-se por versar sobre a mulher e seus direitos, numa época em que isso era bastante incomum. Morreu aos 33 anos, vítima de tuberculose.

A escola está localizada no bairro Santana, na rua Jacinto Osório, nº 60, o bairro tem múltiplas atividades econômicas, culturais, instituições religiosas e redes hospitalares. A escola possui Ensino Fundamental completo nos turnos da manhã e da tarde. Em 2021 contou com 125 estudantes matriculados/as em 9 turmas de 1º a 9º ano. O espaço físico da escola necessita de reparos e manutenção, mas é composto por 12 salas de aula, refeitório, cozinha, 7 banheiros, biblioteca, secretaria, Laboratório de Ciências, Laboratório de Informática, sala de audiovisual, sala da Direção, vice-direção, Secretaria e Orientação Escolar (SOE), Supervisão Escolar (SSE), Círculo de Pais e Mestres (CPM). Possui uma quadra de esportes sem cobertura e um pequeno pátio usado pelas crianças dos Anos Iniciais.

CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

GRUPO UM: João Pedro Silva Barbosa e Raul Gick Schumacher

1 - Observação:

O desafio deste estágio começou antes da definição desta escola como nosso campo de atuação, afinal recebemos uma resposta negativa da SEDUC e nosso vínculo com a escola foi através do Projeto de Extensão WikiEscolas.

⁹ Informações obtidas por meio de entrevista com a professora de Geografia e com a diretora da escola em 2021.



Tendo o contato da professora de Geografia da escola (supervisora) marcamos uma reunião (entrevista) para conhecer seu trabalho, a escola e a turma, bem como, observar e planejar as interações com os/as estudantes. Essa etapa foi fundamental porque a professora foi nossa porta de entrada ao universo da Escola Luciana de Abreu.

Conhecer ela nos passou mais confiança sobre aquilo que enfrentaríamos. Através da entrevista conseguimos entender melhor como era a rotina da professora nas duas escolas que ela atua e principalmente poder ouvir como ela precisou se reinventar com os desafios trazidos pela pandemia do Covid-19. Escolhemos a turma 81 do oitavo ano do ensino fundamental para começar a jornada e a professora comentou que pretendia começar a trabalhar com eles/elas o continente africano. A partir disso começamos nosso trabalho.

No dia 10 de setembro de 2021 participamos da aula como observadores. Alguns/algumas estudantes estavam acompanhando as aulas de forma presencial, uma segunda parte de forma remota, e outra parte não estava acompanhando. A professora se deslocava até a escola, fazia suas aulas de forma presencial e remota ao mesmo tempo. A professora se conectava com os/as estudantes que estavam em casa através de um notebook que era levado para a sala de aula. Com esse primeiro contato foi possível sentir e/ou conhecer um pouco a turma e percebemos que tínhamos estudantes muito criativos/as, inteligentes e participativos/as.

2 - Planejamento + Atuação

O primeiro passo foi convidar a turma a preencher um formulário para conhecermos melhor eles/elas e pensar numa forma mais adequada de trabalhar com aqueles/as estudantes. Enquanto eles/as respondiam começamos a buscar referências para trabalhar o continente africano, com o intuito de quebrar alguns paradigmas sem perder a ludicidade. Recebemos ótimas dicas da nossa monitora do Estágio Supervisionado em Geografia I, boas recomendações de livros de professoras que tivemos durante a graduação, uma sugestão de aula temática de um grande amigo e historiador e com isso começamos a planejar as 7 aulas que a professora de Geografia nos disponibilizou.

Como a escola conta com dois laboratórios de informática, começamos a fazer aulas síncronas através do Google Meet, dentro do Google Classroom toda semana. Assim, mesmo quem estivesse em casa poderia participar dos encontros. Ano passado (2020) foi bem difícil para essa turma, considerando isso, a professora nos orientou a trabalhar da forma mais didática possível e caprichar nos recursos lúdicos e interdisciplinares.



A partir disso elaboramos aulas que buscavam desmistificar o continente africano e desenvolver com eles noções espaciais, cartográficas e conceitos como território, Estado e nação. Como o ambiente das nossas aulas era remoto, procuramos trabalhar com recursos como Google Earth, simuladores da Universidade do Colorado, simulador meteorológico Nullschool e em uma das aulas utilizamos um jogo em formato de Quiz. Elaboramos textos de apoio, atividades sintéticas sobre os conteúdos trabalhados em aula e tentamos ao máximo nos conectar com eles/elas. Toda participação era bem-vinda, convidávamos eles a participarem sem medo de errar as perguntas e provocações que fazíamos.

No final de cada aula nos reuníamos e conversávamos sobre o que funcionou bem ou não durante a aula, era o momento em que nós conseguíamos sintetizar o que aconteceu durante os períodos, assim como diagnosticar dificuldades, facilidades, incômodos e perguntas que ocorriam aos/às estudantes no decorrer de cada aula. Nesse momento já deixávamos traçadas algumas ideias para a próxima semana. Assim, aos poucos íamos compreendendo a importância do planejamento pedagógico, para além das formalidades pré-estabelecidas. Assim como Uberti (2021) reflete a partir da releitura de Corazza (1997), "planejar, mesmo que provisoriamente, reconhecendo que nossos planos são historicamente constituídos, nossas posições são questionáveis e não eternas ou verdadeiras. No entanto, "em hipótese alguma planejar, se supuser que aquele que planeja está pairando acima de todas as questões de poder-saber" (UBERTI, p.05, 2021).

Deste modo, os nossos planejamentos serviam como um ponto de partida, cuja chegada sempre mudava de posição, conforme a turma respondia àquilo que trazíamos para as aulas.

3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

A escola é muito mais que um prédio com salas e um refeitório. A escola é constituída pelos/as estudantes, mas também pela comunidade, por aqueles/as que nela trabalham e por aqueles/as que passaram por ali. A escola é uma construção contínua de convivências. Nós não tivemos a oportunidade de atuar na Escola Luciana de Abreu de forma presencial, e esperamos ser a última turma de estágio a atuar nela dessa forma. Porque do pouco que conhecemos desta escola foi possível perceber que se trata de um ambiente saudável e acolhedor. A professora de Geografia foi muito atenciosa conosco, esteve sempre à nossa disposição e nos deu muita liberdade para planejar tudo que gostaríamos de trabalhar com a turma que escolhemos. No momento do estágio, havia uma grande dúvida e um grande medo do que encontraríamos diante de nós. Ainda que nossa experiência docente tenha iniciado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o estágio se mostrou como um desafio muito maior. Quando a professora notou que estávamos um pouco receosos, ela nos ajudou a tomar um rumo.



Com essas orientações conseguimos desenvolver a coragem necessária para encarar esse primeiro Estágio Obrigatório (Estágio Supervisionado em Geografia I). Foi uma oportunidade de interagir com estudantes brilhantes e desenvolver atividades teórico-práticas e críticos-reflexivas (PIMENTA e LIMA, 2017), bem como, com tudo aquilo que estamos aprendendo no curso de licenciatura. A escola Luciana de Abreu nos proporcionou e proporciona para os agentes que ali convivem, um ambiente saudável e acolhedor, onde tivemos uma experiência incrível como estagiários.

4 - Referências:

CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio B. (Org.). **Currículo:** questões atuais. Campinas: Papyrus, 1997, p. 103-143. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/426592368/Artigo-da-Professora-Sandra-Corazza-sobre-Planejamento-de-ensino>. Acesso em: 30 nov. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

UBERTI, Luciana. **Planejamento de ensino como estratégia de política cultural:** planejar para lutar. 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faced/wp-content/uploads/2021/07/Planejamento-de-ensino-como-estrategia-de-politica-cultural_Luciane-Uberti.pdf. Acesso em: 01 out. 2021.





CONHEÇA A ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL PORTO NOVO¹¹

Onde fica: Rua Amélia Santini Fortunati, 101 – Rubem Berta, Porto Alegre – RS.

Contatos: (51) 3289 -1908 E-mail: emef.portonovo@portoalegre.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/emefportonovo/>

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X	X			
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2021: 599 estudantes.



Foto: Facebook Porto Novo, 2021.

Projeto Político Pedagógico (PPP): <https://drive.google.com/file/d/1jQBh7GiDf5cf93PKlex0Ukvx4iTYmNSE/view?usp=drivesdk>

Projetos da Escola: Projeto Adote um Escritor, tem como objetivo a adoção de um escritor para o desenvolvimento de ações de fomento à leitura nas escolas próprias da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre/RS.

¹¹ Informações obtidas com a direção da escola e por meio de entrevista com o professor de Geografia (supervisor).

Figura 3: Localização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo



Fonte: Google Earth, 2021.



CONHEÇA A E.M.E.F. PORTO NOVO¹²

A Escola Municipal Ensino Fundamental Porto Novo foi fundada em 2015 no bairro Rubem Berta, na zona leste do município de Porto Alegre/RS. A região do entorno é conhecida como Porto Seco, devido a grande quantidade de terminais de carga, que trabalham com transporte rodoviário, logo, um “porto seco”. Por consequência disso, antes da fundação da escola, em reuniões regionais do Orçamento Participativo, a comunidade decidiu por nomear a escola também como um “porto” mas, dessa vez, um Porto Novo.

Inaugurada no ano de 2015, a escola faz parte de uma vasta sucessão de empreendimentos que, recentemente, estão mudando as imediações da região. É uma das poucas escolas municipais de Porto Alegre que possuem seu Projeto Político Pedagógico (PPP) escrito e aprovado pelo Conselho Municipal de Educação (CME), ressalta-se que o seu PPP está sendo reescrito a partir das nuances obtidas desde 2015. Em sua fundação, a oferta de vagas foi constituída como de tempo integral, todavia, por decisão da gestão municipal em 2017 tornou-se uma escola com ensino de turno único (não obstante, há previsão de retornar a ofertar Ensino de tempo integral no ano de 2022).

Grande parte dos/as residentes nas proximidades são provenientes de outras localidades da capital, destaca-se que muitos moradores são oriundos da Vila Dique¹³, zona norte de Porto Alegre, visto que há grande oferta de loteamentos vazios e ocupados. Circunjacente a Escola Porto Novo há uma Unidade Básica de Saúde (conhecida como posto de saúde), que juntamente com a escola são edificações recentes, que prestam serviços públicos a comunidade

local que, em sua maioria, são famílias com condições de vida humildes. O Complexo Cultural Porto Seco, um emblema importante da cultura carnavalesca local, também é próximo a escola, contudo, não há proximidade do ambiente escolar com as movimentações que ocorrem nos barracões das escolas de samba de Porto Alegre. No passado, existia uma intensa demanda de trabalho e atividades que envolviam o carnaval ao longo de todo o ano, no entanto, ultimamente, tais movimentos estão diminuindo.

Destacam-se relatos sobre a violência e a criminalidade das regiões próximas – Vila Santa Rosa (a oeste) e Vila Amazônia (a sudeste) –, onde organizações criminosas entram em conflito entre si e a polícia – destacando os episódios de “guerra às drogas” que as grandes cidades enfrentam. Tal questão é fundamental para compreender o contexto do espaço geográfico, bem como do cotidiano na escola pois, desde 2015, ano de sua inauguração, a escola lida com a morte de estudantes em virtude dos conflitos armados da região – no ano de 2021, até o momento, não houve nenhuma fatalidade (comemora o professor de Geografia).

¹² Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE, no semestre de 2021/1.

¹³ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lhiste/extensao/memorias-da-vila-dique/>. Acesso em: 02 dez. 2021.



Devido a essas circunstâncias, o recrutamento para o crime organizado é algo presente entre os/as jovens que frequentam o Ensino Fundamental na escola. Tendo isso em vista, elabora-se uma “geografia do tráfico”, que se traduz numa geografia conflituosa e violenta onde, no meio de tantas intempéries, a escola se concretiza como um lugar de proteção, abrindo portas e trazendo possibilidades de mudança às vivências dos/das discentes.

Ao longo de sua história, a EMEF Porto Novo vivenciou experiências que a marcaram. Após o ensino integral ser desfeito, a escola conseguiu manter atividades com os/as estudantes no contraturno, desenvolvendo oficinas como a LIAU (Laboratório de Inteligência do Ambiente Urbano), e o conhecido Labor (laboratório) da horta. No entanto, tudo isso se desfez com a entrada dos sistemas particulares de ensino na escola, no ano de 2019 o grupo Convexo entrou na escola como uma empresa terceirizada, com o intuito de prestar assessoria à educação. Devido a grande quantidade de problemas que tal sistema educacional desencadeou no ensino, houve uma série de reclamações provindas dos/das estudantes, em que juntamente com os pais e mães, reivindicaram a saída do terceirizado da instituição. Posteriormente, a Convexo apresentou uma carta de demissão, entrando em outra escola, na qual também não foram eficazes em sua proposta de ensino-aprendizagem.

Tendo esse breve histórico, conclui-se que a EMEF Porto Novo, embora jovem, é uma escola de luta diária pela educação pública e de qualidade, ofertada a todos os públicos, mas principalmente a população periférica que está diariamente à mercê de miasmas sociais. Assim, a educação conseguirá realizar o seu papel, fazendo a diferença na vida das crianças, jovens e adultos.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

GRUPO UM: Emiliano Zuchetti Teixeira, Mariana Barth Presser e Pedro Henrique Razzia Lira

1 - Observação:

*Na escola estavam eles e elas,
Com seus tradicionais cadernos e mochilas,
Todos com suas máscaras, à espera do novo.
Em nossas casas estávamos nós, preparados.
Entre conversas e nervosismo, estávamos ali presentes,
Mesmo geograficamente distantes, ali estávamos
Presentes e abertos a Porto Novo.
(Emiliano Z. Teixeira e Pedro H. R. Lira, 2021)*

O Estágio Supervisionado em Geografia I, atribuído ao primeiro semestre letivo de 2021, ocorreu de maneira atípica. Nós, os estagiários, estávamos impossibilitados de estar presencialmente junto ao meio escolar, devido às ações da universidade diante do contexto pandêmico. Em contrapartida, os alunos retornaram a frequentar as dependências da escola, com isso as adequações para a realização do estágio foram consideradas um tanto futuristas e distópicas, em que os professores se comunicam de forma remota com seus alunos. À vista disso, a pandemia difundiu técnicas pouco utilizadas no ensino regular, acentuando o uso da tecnologia digital na educação e o fosso de tantas outras desigualdades que já existiam antes da Pandemia.

De princípio, houve uma reunião (entrevista) entre os estagiários e o professor de Geografia (supervisor), nela foram compartilhadas experiências e realidades do ambiente escolar da EMEF Porto Novo, dessa forma, desenvolvendo um plano de observação para o acompanhamento das turmas, em que se decidiu realizar duas observações e duas abordagens pedagógicas (uma em cada grupo do 7º ano). As observações ocorreram por meio de uma webconferência organizada entre os estagiários e o professor, onde o computador do docente era posicionado de maneira oportuna para a observação do mestre e dos/das estudantes. Na sala, havia um quadro branco, não havia mesa, desse modo o professor iniciou a aula colocando a data no quadro e incentivando a anotação no caderno.



Primeiramente, se acompanhou o grupo verde, onde se abordou uma discussão sobre cidadania e seus aspectos políticos. O professor fez analogias em relação ao conceito democracia, incentivou a discussão pedindo exemplos de não democracia a partir do totalitarismo. Abordou então sobre a política do Brasil, sendo uma democracia direta e o que isso representa. O professor trouxe temas como corrupção e a reflexão sobre lembrar em quem votamos, lançando um paradoxo da democracia para refletir: “o barbeiro que se barbeia”. Em alguns momentos pegou o livro, leu e escreveu no quadro. Trouxe um exercício sobre o cotidiano ligado à democracia. Assim, o professor recomendou aos/as estudantes a prestar mais atenção do que copiar. Considerando isso, foi um início de aula que retomava temas trabalhados anteriormente. O professor trouxe a afirmação de que “a democracia é a opressão da maioria contra a minoria”, levando em conta o sistema democrático e, assim, a partir dessa frase tivemos uma participação na aula ao ajudarmos a compartilhar uma notícia que tratava sobre o crescimento no número de abstenções nas eleições de Porto Alegre, relacionando a notícia com o assunto “direitos e deveres” e, dessa forma, a aula se encaminhou para o final com a leitura de alguns artigos da constituição, fazendo uma reflexão sobre cidadania.

Nossa presença foi notada ao longo da aula com várias olhadas dos/das estudantes para a tela do computador ligada na chamada de vídeo. Foi especial nossa primeira observação, pois recém haviam retomado as aulas presenciais. Rever uma sala de aula movimentada foi emocionante, ainda mais com temas como utopia e democracia sendo debatidos. Pudemos ouvir os ruídos também, como o telefone tocando, outras vozes e movimentos, assim como o silêncio. Foi bom olhar para a sala de aula de novo, ver a movimentação dos/das estudantes, o quadro e o caderno sendo usados.

Posteriormente, já na semana seguinte com o grupo vermelho, tratou-se sobre os setores econômicos e suas mudanças até a contemporaneidade. O professor posicionou o notebook de modo que vimos o data show também, infelizmente houveram partes em que não consegui entender porque o som deles estava baixo e durante a aula a internet deles caiu algumas vezes. Percebemos que este era um grupo que participava mais da aula, respondendo os questionamentos do professor. Percebemos que o professor tem o costume de falar pausadamente, levar notícias para ajudar na discussão sobre a matéria, além de fazer várias perguntas provocando que os/as estudantes antecipem a linha de raciocínio, sabe o nome de todos/as estudantes e parece ser bem querido por eles/elas.



2 - Planejamento + Atuação:

No final das observações, optamos por dar continuidade aos assuntos abordados, construindo nossas abordagens pedagógicas em torno de sua temática. No grupo verde, elaboramos um planejamento apresentando debates sobre indicadores sociais com ênfase no município de Porto Alegre, utilizando ferramentas do laboratório de informática, sites (como o Observa POA) e pesquisas interativas. No entanto, o plano enfrentou percalços como a dificuldade de acesso, nos obrigando a fazer adaptações no plano original e assim, não conseguindo desenvolver as interações desejadas. Com isso, a falta de interação presencial limitou as trocas, mas permitiu exercitar a docência e alguns de seus desafios.

Tínhamos a ideia de aulas menos expositivas e mais dialogadas e interativas, no sentido dos/das estudantes utilizarem o computador, possibilitando o/a estudante mexer em sites, mapas e responder formulários criados para enriquecer a discussão em aula. Infelizmente, não foi possível na primeira aula por conta da internet da escola e a necessidade dos/das estudantes terem e-mails para responder os formulários, o professor nos auxiliou ajudando os/as estudantes nessa parte de informática. A aula foi mais curta que o planejado por conta dessas adversidades, a apresentação dos/das estudantes foi importante para conhecermos eles/elas, muitos/as se apresentaram oralmente e outros/as via chat da sala virtual que abrimos. O formulário que criamos para enriquecer a discussão sobre indicadores não pode ser feito pelo fato de precisar de e-mail para responder, fato que era desconhecido por nós, terminamos conversando oralmente com os/as estudantes, perguntando certas questões do formulário e orientando a discussão.

A prática pedagógica com o grupo vermelho foi melhor estruturada, pois aprendemos com os problemas da aula anterior. Com este grupo trabalhamos com o tema do trabalho no Brasil e suas complexidades, debatendo sobre a realidade da mulher no mercado de trabalho e suas jornadas. Diferente da primeira aula, optamos por desenvolver uma metodologia sem o computador, no entanto, continuamos com as interações com a classe, fugindo da aula puramente expositiva. Primeiramente, começamos a aula pedindo ao professor que estava presente ajuda para que colocasse uma cadeira na frente do computador e, assim, os/as estudantes pudessem se apresentar e conversar com a gente de maneira individual e espontânea - tal maneira de apresentação foi proveitosa para ambas as partes. Após isso, seguiu-se para os trabalhos com a temática conferida a essa aula. Nossa ideia foi apresentar vídeos, conversar bastante com os/as estudantes e captar a partir do conhecimento deles/as como poderíamos enriquecer e orientar os temas trabalhados. Isso pode ser exemplificado no momento em que, novamente, cada um/a sentou na frente do computador e trouxe a profissão de pelo menos um familiar.



Tal assunto desenvolveu a participação da maioria dos/das estudantes, relatando sobre suas perspectivas e construindo conjuntamente um histórico sobre o trabalho doméstico, direcionando o olhar para sua estrutura de gênero e de raça, defrontando com o machismo e o racismo no mundo do trabalho. Isso oportunizou conhecimento sobre as visões e relatos de como o trabalho doméstico é tratado junto a família dos/das estudantes. Dessa forma, encerramos a experiência de estágio com uma bagagem repleta de aprendizados que, apesar da prática docente remota, foi uma experiência teórico-prática que nos fez refletir e analisar o vivenciado, construindo com prática o conhecimento docente.

3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

Nossa experiência foi estritamente online e com uma turma que estava completamente de forma presencial. Foi desafiador e esperamos que no próximo semestre as coisas retornem ao normal/presencial. Ademais, se ocorrer o estágio de forma remota, orientamos os/as futuros estagiários/as a atentar a acessibilidade da sala de informática, se todos os computadores estarão disponíveis e com acesso a internet e câmeras. Além disso, caso busquem fazer alguma atividade interativa-digital, deve-se construir o plano com dispositivos (recursos digitais) que não necessitem que os/as estudantes tenham e-mail. Em relação à montagem do planejamento, mesmo se persistir de forma online ou não, procurem dialogar em grupo, construindo-o de maneira coletiva, no cuidado de incluir o/a estudante na aula e não somente expor o conteúdo.

Algo considerado interessante por nós seria a entrega de um questionário com perguntas para os/as estudantes sobre seus interesses, suas histórias e preferências. Queríamos conhecê-los/as melhor antes do planejamento das aulas e essa atividade poderia ter ajudado. Outra ajuda importante que podemos partilhar foi o formato em que realizamos nossa participação na segunda aula ministrada, em que estávamos em uma chamada de vídeo aparecendo no telão e cada estudante se dirigiu a frente do computador para se apresentar. Dependendo do tamanho da turma, essa atividade não necessitou de muito tempo e possibilitou um bom conhecimento dos/as estudantes.

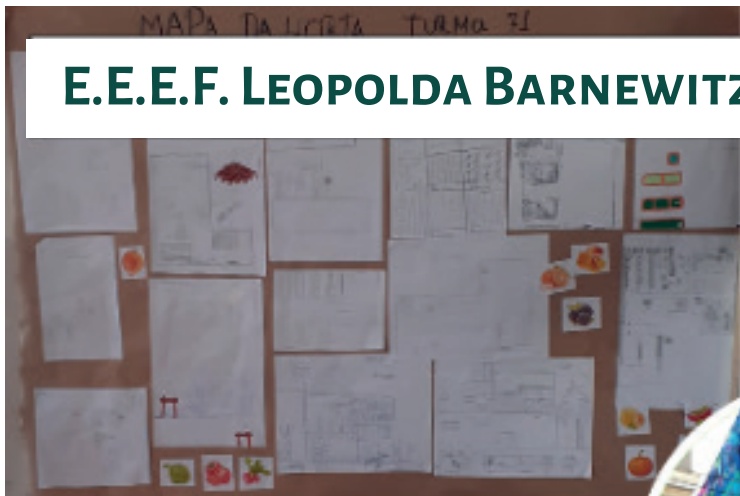
Assim, destacamos que nossa experiência no Estágio Supervisionado em Geografia I foi extremamente proveitosa, compondo o princípio do nosso “ser docente” de forma plural e marcante. Com certeza, lembraremos para o resto de nossas vidas esse momento, onde cada estudante e pessoa que fizeram parte desse momento ficarão registrados e lembrados pela nossa história.

Ser professor é uma arte,
Docenciar é um verbo que não existe,
Mas, ambos,
Já transformaram nossos seres,
Para sempre.
(LIRA, 2021)

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I 2021/2



E.E.E.F. LEOPOLDA BARNEWITZ





CONHEÇA A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFA. LEOPOLDA BARNEWITZ¹⁴

Onde fica: R. João Alfredo, 443 - Cidade Baixa, Porto Alegre - RS, 90050-003

Contatos: 51 3228- 3682 E-mail: eflleobarnewitz-01creeseduc.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/escola.leopolda.barne>

Retrato da professora Leopolda Barnewitz

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X	X			
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2022: 210 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: Horta Escolar, Escola Melhor, Sociedade Melhor; Merenda Escolar e Saúde na Escola.



Foto: Arquivo pessoal de Borba, 2022.

¹⁴ Informações obtidas por meio de entrevista com a professora de Geografia, em 08/10/2021.

Figura 4: Localização da E.E.E.F. Profa. Leopolda Barnewitz



Fonte: Google Earth, 2022.



CONHEÇA A E.E.E.F. PROFA. LEOPOLDA BARNEWITZ¹⁵

A Escola Leopolda Barnewitz foi fundada em 1955 e está localizada no bairro Cidade Baixa, região central da cidade de Porto Alegre (RS). O nome da escola é uma homenagem à professora Leopolda Barnewitz¹⁶, que nasceu no ano de 1873 em *Encarnación*, no Paraguai. No Brasil, a professora Leopolda morou em Santa Maria (RS) e em Cachoeira do Sul (RS). Formada como Normalista, exerceu a docência voltada aos anos iniciais da Educação Básica, posteriormente dedicando-se a realização de estudos de aperfeiçoamento voltados a sua carreira na França e na Inglaterra. Ao retornar para o Brasil habilitou-se em História, lecionando no Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre (RS). Durante sua vida também ministrou aulas particulares de Português e Matemática, e em 1954 veio a falecer na capital gaúcha.

O bairro onde a escola se localiza é considerado um dos territórios negros de Porto Alegre, sendo desde o início da formação urbana da cidade marcado pela forte presença e resistência negra. Esta territorialidade é evidenciada pela presença de territórios quilombolas localizados no bairro e em seus arredores, dentre os quais podemos destacar os quilombos Areal da Baronesa, Mocambo e Fidelix. O bairro Cidade Baixa apresentou intenso crescimento a partir da década de 1950, contando atualmente com cerca de 18.500 habitantes em uma área de 0,93 km², localizando-se próximo ao Parque Farroupilha (Redenção), Praça Garibaldi e o Cachorródromo dos Açorianos. A Cidade Baixa conta com outros espaços de lazer, como o Ginásio Tesourinha, o Complexo Habitacional Lupicínio Rodrigues, o Solar Lopo Gonçalves, que é sede do museu de Porto Alegre, a Fundação Pão dos Pobres, o Largo Zumbi dos Palmares, a Ponte de Pedra, a Travessa dos Venezianos e diversos estabelecimentos de entretenimento, principalmente noturnos, como: bares, *pubs*, casas de festas e shows. Até 2017 a escola possuía vagas voltadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas devido ao encerramento da modalidade pelo governo estadual, atualmente atende apenas os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Por se localizar na região central de Porto Alegre, muitas mães, pais e/ou responsáveis optam por matricular seus filhos nesta escola, pois a mesma acaba sendo próxima do local de trabalho de muitos destes trabalhadores. Desta forma, os/as estudantes residem em diversas localidades, como na própria Cidade Baixa, no Centro Histórico e em bairros das Zonas Sul e Leste. Após dois anos atuando de forma remota por conta da pandemia de Covid-19, no final de 2021 a escola retornou com as atividades presenciais.

¹⁵ Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre de 2021/2.

¹⁶ Para saber mais sobre a vida da Leopolda Barnewitz, acesse: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2022/01/uma-vida-de-aventuras-e-honrarias-saibaquem-foi-leopolda-barnewitz-cky7nq5g5002o015pcpr0la1m.html>.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

No semestre 2021/2, dois grupos estagiaram nesta escola.

GRUPO UM: Gabriela Borba Bispo dos Santos e Sandro Monticelli Petró

1 - Observação:

Nosso olhar observador começou no primeiro dia de aula na disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I. As professoras orientadoras da UFRGS debateram com a turma as propostas do estágio, e nós, os estagiários, realizamos algumas leituras e as discutimos na direção de refletir sobre como seria nossa atuação na escola, pensando sobre o retorno presencial após dois anos afastados das instituições de ensino em razão da pandemia de Covid-19. Autoras como bell hooks e Chimamanda Adichie nos ajudaram a pensar e compreender sobre a confrontação da categoria de classe social em sala de aula e os perigos de histórias únicas, temáticas que colaboraram nas observações, no planejamento das aulas e no período da atuação em sala.

Uma vez escolhida a escola onde iríamos atuar, recebemos o roteiro de observação a ser preenchido em duas etapas: a primeira a partir de uma pesquisa na internet visando conhecer melhor o espaço em que a escola está inserida, sua relação com a cidade, seu Projeto Político Pedagógico, dentre outros quesitos; a segunda etapa foi feita a partir da realização da entrevista por videoconferência com a professora de Geografia da instituição, na mesma oportunidade em que também escolhemos trabalhar com uma turma de 8º ano.

Nesse semestre tivemos a oportunidade de fazer as observações e a atuação presencialmente, momento em que fomos muito bem recebidos e acolhidos pela professora supervisora, por todos os funcionários da escola e por parte dos/as estudantes. Em nosso primeiro dia de observação, nossa dupla teve a oportunidade de conhecer-se presencialmente, como a turma estava realizando uma prova aproveitamos para conhecer melhor os espaços da escola. Conversamos com alguns docentes que estavam na sala dos/as professores/as e pudemos visitar as duas hortas existentes na escola. Acompanhamos duas aulas da turma escolhida para estagiar e logo percebemos que eram estudantes curiosos e interessados em aprender, contudo, o que tornaria nossas aulas um pouco desafiadoras é que eles pareciam ser bem agitados, conversavam bastante entre si e eventualmente se distraíam com o uso dos celulares. Ao final do terceiro dia de observação, os/as estudantes foram informados pela professora supervisora que as próximas quatro aulas de Geografia seriam conosco. A turma nos fitou com um olhar de curiosidade, mas se mostraram receptivos com a informação e de imediato ouvimos alguém comentar: “que legal vai ser a aula deles!”.



2 - Planejamento + Atuação:

Durante o período de observação, a professora de Geografia solicitou que trabalhássemos a temática de regionalização em quatro aulas, totalizando oito períodos. Como instrumento de planejamento das aulas, fizemos o uso do livro didático de Geografia utilizado disponível na escola e de artigos científicos. Cada aula foi planejada para ser expositiva, com o auxílio de mapas regionais e com um exercício de revisão refletindo o que foi desenvolvido durante as aulas, finalizando nossa atuação com uma atividade avaliativa.

Na primeira aula fizemos uma dinâmica para nos apresentar e conhecer melhor os/as estudantes. Em seguida, reforçamos alguns conceitos da aula anterior à nossa, que foi sobre questões relacionadas a estado, nação e país. Na sequência iniciamos a abordagem ao conteúdo de regionalização, propondo à turma uma atividade que consistia em regionalizar a cidade de Porto Alegre a partir dos bairros que cada um/uma dos/das estudantes residia. Na segunda aula iniciamos o conteúdo de regionalização brasileira. Na terceira aula foram trabalhados mapas regionais, econômicos, políticos e físicos do Brasil, assim como abordamos o conteúdo de regionalização do continente americano.

Ao final desta aula, propusemos alguns exercícios. No início da quarta aula abrimos espaço para que a turma discorresse sobre as principais dúvidas da lista de exercícios e sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula, e ao fim desta aula realizamos uma atividade avaliativa. Quando concluídas as provas, propusemos um jogo envolvendo o conteúdo de regionalização, elencamos nossas considerações finais e nos despedimos da turma. De maneira geral os/as estudantes participaram bastante das aulas fazendo perguntas, bem como, contribuíram com assuntos a partir das suas vivências trazendo questões atuais para o debate em sala de aula, como por exemplo, os conflitos geopolíticos entre a Rússia e a Ucrânia.

3 - Compartilhando ideias com os/as próximos/as estagiários/as

A experiência de realizar o estágio presencialmente foi muito significativa na medida em que foram restabelecidos os laços afetivos entre estudantes e professores/as, tanto no período de observação como no de regência, sendo momentos especiais de aprendizagem. Sugerimos para os/as próximos estagiários/as aproveitar o espaço da horta da escola, pois há a possibilidade de trabalhar diversos conteúdos de Geografia nela. Dependendo do conteúdo selecionado para as aulas, é possível fazer o uso dos demais espaços que a instituição dispõe para desenvolver algumas atividades, como o pátio e o ginásio. A localização da escola também é um ponto relevante para pensar a possibilidade de uma saída de campo no seu entorno que pode auxiliar em diversos conteúdos da Geografia, pois este lócus é um dos territórios negros de Porto Alegre.



Outra possibilidade interessante que pode ser aproveitada são as fachadas das casas do bairro, que têm forte influência da arquitetura portuguesa. Há também nas proximidades o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, localizado na própria rua da escola, e também questões relevantes sobre os aspectos físicos do bairro, pois antigamente o Arroio Dilúvio se localizava na rua da escola.

Por último, agradecemos as nossas professoras orientadoras da UFRGS pelas aulas e pela dedicação que tiveram com a nossa turma. Agradecemos também à professora de Geografia da escola e aos estudantes que nos receberam e acolheram, nos possibilitando momentos de ensinar e aprender que contribuíram para que nosso estágio fosse realizado de maneira divertida, mas com grande profundidade teórica.

4 - Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (PMPA). **Observa POA**. Bairro Cidade Baixa. Porto Alegre, [s/d]. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=24_0_0. Acesso em 26 abr. 2022.

TEIXEIRA, Paulo César. Uma vida de aventuras e honrarias: saiba quem foi Leopolda Barnewitz. In: **GZH**, 09 jan. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2022/01/uma-vida-de-aventurase-honrarias-saiba-quem-foi-leopolda-barnewitz-cky7nq5g5002o015pcpr0la1m.html>. Acesso em 26 abr. 2022.



GRUPO DOIS: Gabrielle Bezerra da Silva e Leandro Sant'Anna Cabreira

1 - Observação:

Nosso período de investigação para a observação iniciou na primeira aula do Estágio Supervisionado em Geografia I, quando começamos a estudar e pesquisar sobre o espaço escolar por meio de leituras que incluíam tanto textos sobre a escola e a docência de maneira geral, quanto os trabalhos realizados pelos/as estagiários/as do semestre anterior. Nesse momento inicial, as aulas com as professoras orientadoras do estágio foram realizadas de forma remota na UFRGS. Foi nesse momento também que fizemos a escolha da escola em que iríamos atuar, optando desta forma, pela E.E.E.F. Profa. Leopolda Barnewitz, escola pública voltada ao Ensino Fundamental e pertencente à Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

Após estudos, pesquisas iniciais e escolha da escola, seguindo a proposta de docência compartilhada, tivemos já em duplas, nosso primeiro contato com a professora de Geografia da escola através de uma entrevista realizada de forma remota. Na entrevista, concluímos a escolha da turma, que foi o sétimo ano - turma 71, e coletamos materiais para o preenchimento do roteiro de observação. A pesquisa do roteiro incluía diversos aspectos do espaço escolar, como por exemplo, a história e as características do espaço geográfico onde a escola estava inserida, a relação desse espaço e da escola com a cidade, as experiências da professora de Geografia, os materiais disponíveis na escola, as turmas, os/as estudantes, dentre outras questões. Além disso, também mantivemos contato com a professora de Geografia através do WhatsApp para casos de dúvidas, orientações e informações.

Vale ressaltar que 2022 foi o primeiro ano após o início da pandemia de Covid-19 em que as aulas iniciaram no formato presencial desde o começo do ano letivo. E é nesse contexto que iniciamos, posteriormente, nossa atuação na escola. Ainda antes de nossa atuação em sala tivemos a oportunidade de ir até a escola e observar presencialmente uma das aulas da turma, o que foi importante para estabelecer um primeiro contato com os/as estudantes. Contudo, sem dúvidas, os estudos, pesquisas e a observação no formato presencial foram fundamentais para que pudéssemos conhecer o espaço escolar, a turma e os/as estudantes.

2 - Planejamento + Atuação:

A observação presencial foi muito importante para nós, pois no mesmo dia já conseguimos ter uma ideia dos conteúdos de Geografia que estavam sendo trabalhados com a turma pela professora, bem como, o perfil dos/as estudantes. As demandas também foram sendo indicadas para nós pela professora de Geografia, para que a partir disso, nós estagiários, pudéssemos planejar nossas aulas.



O planejamento das aulas e a preparação dos materiais a serem utilizados levaram mais tempo para serem construídos quando comparados às aulas propriamente ditas, que eram de dois períodos de cinquenta minutos semanais. Reforçamos desta forma, que o trabalho do/a professor/a não se restringe ao cotidiano em sala de aula, pois o trabalho docente está para muito além deste momento em si, compreendendo desde o planejamento das aulas, o levantamento dos materiais a serem utilizados, as correções de provas, atividades e trabalhos, dentre outras tarefas desempenhadas que envolvem o antes e o depois do acontecimento de uma aula.

A professora de Geografia possui uma carga horária de quarenta horas semanais, atuando na Escola Leopolda Barnewitz que atende o Ensino Fundamental, e também em outra escola da rede estadual que atende o Ensino Médio. Sobre os recursos oferecidos, a escola conta com a disponibilidade de notebooks, chromebooks e projetores multimídia, sendo que as salas de aula possuem Wi-Fi. Além disso, a instituição conta com livros didáticos, atlas escolares, globos terrestres e mapas em diferentes temáticas e escalas. Conforme foi explicado pela professora de Geografia na entrevista realizada remotamente, esses materiais também estariam disponíveis para nós estagiários, caso quiséssemos utilizá-los. Desta forma, ao todo, ministramos quatro aulas com a turma 71 e em todas elas, os/as estudantes interagiram e participaram. A maioria deles mora nos arredores da escola, na região central de Porto Alegre, como no próprio bairro Cidade Baixa e no Centro Histórico, por exemplo. Alguns também moram nas Zonas Sul e Leste da cidade. Ao longo do período de estágio, os/as estudantes foram muito receptivos conosco e, desde o primeiro dia de aula, nos sentimos acolhidos por toda a turma.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

A E.E.E.F. Profa. Leopolda Barnewitz possui um espaço interno incrível que permite a realização de atividades para além da sala de aula. Um desses espaços é a horta escolar, onde podem ser encontrados tomates, couves, abóboras, cebolas, pimentas, maracujás, bergamotas, laranjas, café, cana, bananas, dentre outros. Uma das coisas mais legais é que os alunos já conhecem o espaço, visto que eles mesmos organizaram e plantaram nesta horta em anos anteriores. Desta forma, é possível conhecer a horta sob o olhar deles. Em uma das aulas, a turma 71 realizou o mapeamento da horta e a partir disso elaboraram um cartaz em conjunto com todos os mapas realizados. Gostaríamos muito de ter mais tempo para fazer outras atividades neste espaço, e por isso diríamos aos/às próximos/as estagiários/as que aproveitem a horta escolar, pois vale muito a pena e os/as estudantes gostam bastante.



A escola também está inserida em um contexto histórico-geográfico que possibilita potencializar o ensino de Geografia. O bairro onde se localiza, a Cidade Baixa, é considerada um dos territórios negros de Porto Alegre, sendo desde o início da cidade marcado fortemente pela presença e resistência negra. Na Cidade Baixa ou em seus arredores, existem muitos territórios quilombolas que poderiam ser estudados pelas turmas, e assim mais valorizados. A presença de territórios quilombolas foi um assunto que não conseguimos trabalhar por conta do pouco tempo que tivemos e das outras demandas da turma, mas que também promoveria um significativo estudo ou atividade de Geografia.

Ademais, registramos aqui nosso imenso agradecimento às professoras orientadoras, à professora de Geografia da escola e também aos/às estudantes da turma 71. Foi uma experiência maravilhosa da qual pudemos compartilhar em conjunto!

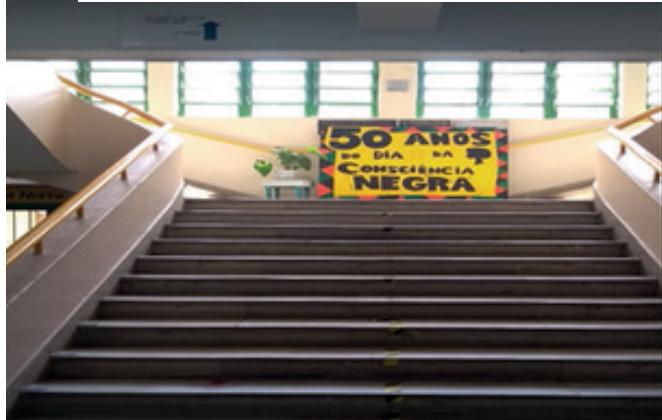
4 - Referências:

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE (PMPA). **Observa POA**. Bairro Cidade Baixa. Porto Alegre, [s/d]. Disponível em: http://portoalegreemanalise.procompa.com.br/?regiao=24_0_0. Acesso em 26 abr. 2022.

TEIXEIRA, Paulo César. Uma vida de aventuras e honrarias: saiba quem foi Leopolda Barnewitz. In: **GZH**, 09 jan. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2022/01/uma-vida-de-aventurase-honrarias-saiba-quem-foi-leopolda-barnewitz-cky7nq5g5002o015pcpr0la1m.html>. Acesso em 26 abr. 2022.



E.M.E.B DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA





CONHEÇA A ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA¹⁷

Onde fica: R. Xavier de Carvalho, 274 - Sarandi, Porto Alegre - RS, 91110-440

Contatos: 51 3289-5964 E-mail: emeb.liberatosalzano@med.prefpoa.com.br

Facebook: <https://www.facebook.com/emebiberatopoa/>

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X				
NOITE			X	X	X

Total de estudantes matriculados em 2022: 1.403 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: Projetos esportivos (basquete, futsal, vôlei, atletismo e handebol), Laboratório de comunicações (espaço maker) e Laboratório de Aprendizagem. Participação em Feiras de Ciências e Olimpíadas Escolares. Em 2022 farão parte da Olimpíada Brasileira de Astronomia, através da Mostra Brasileira e Foguetes.



Fonte: Acervo WikiEscolas, 2021.

¹⁷ Informações obtidas por meio de entrevista com a Professora de Geografia e Vice-Diretor da escola.

Localização da EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha



Legenda

-  Bairro Sarandi
-  Escola

Fonte: Google Earth Pro
Elaborado por: Autores
Ano: 2022



CONHEÇA A E.M.E.B. DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA¹⁸

A E.M.E.B. Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha foi fundada extraoficialmente em 1954 no bairro Sarandi, sob a denominação de Escola Municipal da Vila Sarandi. Com o advento do Decreto Municipal nº 1.823 de 23 de julho de 1959, cria-se oficialmente o Instituto Municipal Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha – homenagem póstuma a esse educador gaúcho que foi Secretário de Educação na gestão municipal de Leonel de Moura Brizola (1956–1958). A necessidade de uma escola no bairro surge a partir do loteamento das Vilas Meneghetti, Leão, Parque Elizabeth e Minuano nas décadas de 1950 e 1960, na gestão do ex-Prefeito Ildo Meneghetti.

As escolas municipais Liberato Salzano e Emílio Meyer eram as únicas instituições que ofertavam o Ensino Médio e Técnico na rede educacional do município de Porto Alegre. No Parecer nº 09/2013 do Conselho Municipal de Educação constava a aprovação por mais quatro anos do Ensino Médio, Técnico (Informática, Administração, Contabilidade) e da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a respectiva ratificação do Projeto Político Pedagógico e do Regimento Escolar com algumas recomendações. Em 13/06/2019, ocorreu uma reunião pública no CTG Valentim da Tradição (bairro Sarandi) para tratar sobre o fechamento das turmas de Ensino Médio e Técnico da Escola Liberato Salzano Vieira da Cunha. Nesse ano, o Executivo Municipal decidiu não abrir novas matrículas no Ensino Médio e Técnico em ambas as escolas, pois justificava que a oferta do Ensino Médio era atribuição constitucional do governo estadual. Atualmente, a Instituição oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental, EJA e Magistério. Em parceria com o programa de extensão 'Por Dentro da UFRGS', da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é sediado na escola o 'Curso Pré-Vestibular Popular Liberato', que busca preparar alunos/as para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o vestibular da UFRGS de forma gratuita, reservando vagas para estudantes da escola e de outros locais de Porto Alegre.

A escola completará 70 anos em 2024, logo, haverá a possibilidade de contribuição dos/das futuros/as estagiários/as no planejamento das festividades, pois a data merece comemoração respeitosa devido ao histórico da Instituição, bem como do comprometimento com a comunidade e de seu exemplo de resistência durante um período muito difícil da nossa história, que foi a Pandemia de Covid-19.

¹⁸ Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre 2021/2.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

GRUPO UM: Guilherme Batistella, Gregory Cardoso Marmacedo Ribeiro e Leonardo Rosa Paixão

1 - Observação:

O acesso principal à escola ocorre pela Avenida Dique, cuja fachada do prédio (construída na década de 1960) ostenta o nome da escola - no sentido sul, haja vista que ao norte há uma entrada para os funcionários e público externo localizado na Rua Xavier de Carvalho nº 274. Por esse local, iniciamos o nosso percurso como futuros professores com muita expectativa, curiosidade e confiança no trabalho que desenvolveríamos, uma vez que a acolhida por todos foi fundamental para mantermos a tranquilidade com relação às atividades planejadas.

Por conta de diversas situações que fugiram do controle dos estagiários, das professoras supervisoras e orientadoras, não foi possível realizar observações em sala de aula antes da atuação, principalmente por conta de conflitos entre o calendário acadêmico da UFRGS e da escola. Porém, foi possível realizar uma visita à instituição, que ocorreu quando os estagiários foram apresentados ao corpo docente, à direção e a alguns estudantes. Além disso, durante a atuação em sala de aula, as observações eram constantes, fazendo parte do planejamento posterior.

As primeiras impressões do ambiente escolar como um todo só foram realizadas durante a atuação dos estagiários. A E.M.E.B. Liberato Salzano Vieira da Cunha é uma escola com senso comunitário muito bem desenvolvido. Na escola há projetos que são motivo de muito orgulho para os/as estudantes, que se sentem pertencentes ao bairro a partir da instituição escolar e vice-versa. Através das observações realizadas nos momentos anteriores às aulas ministradas pelos estagiários, foi possível perceber nos corredores e no pátio como seu deus a organização dos protocolos sanitários por conta da Pandemia da Covid-19, que modificaram algumas situações do cotidiano da escolar. Por exemplo, nos instantes que antecederiam o início do primeiro período das aulas, os discentes ao invés de ingressarem no prédio e se direcionarem diretamente para as salas de aula, aguardavam no pátio de entrada a autorização da coordenação para adentrar às salas de aula. Dessa forma, os minutos que antecederiam o caminho para a sala serviam como um momento de reencontro e descontração, organizado pela direção escolar com a utilização de caixas de som com música.

2 - Planejamento + Atuação:

A rotina de trabalho com a professora de Geografia se desenvolveu com muita autonomia. A partir do conteúdo proposto pela docente, nos foi dada liberdade de desenvolver tópicos envolvendo a temática sobre Geografia das Américas. Buscamos trazer ideias introdutórias sobre a análise do espaço geográfico, considerando as demandas dos/as estudantes que passaram quase dois anos estudando via ensino remoto emergencial.



Dessa forma, a utilização de mapas em diversas escalas, globos terrestres de diversos tamanhos e chromebooks foram recursos muito bem-vindos para diversificar a abordagem dos assuntos e permitir aulas mais interativas. Assim, é importante ressaltar a boa infraestrutura e os diversos recursos didáticos que a escola possui, como livros didáticos de qualidade, atlas atualizados e mapas diversos em boas condições (juntamente com os mapas levados pelos estagiários) permitiram que houvesse a possibilidade de realizar atividades diferentes a cada aula.

Na primeira aula, buscamos realizar uma análise em conjunto com os/as estudantes sobre a regionalização do continente americano. Levamos mapas com variadas escalas e alguns globos terrestres. Colocamos tudo no chão e fizemos algumas perguntas para a turma, como: "qual a diferença entre estes mapas? ", "Qual é a diferença entre um mapa e um globo terrestre? ". A partir das respostas obtidas, desenvolvemos os conceitos de escala, projeções cartográficas e regionalização das Américas. Entretanto, para além do conteúdo que vinha sendo por nós desenvolvido, deixamos as dúvidas e os interesses dos/as estudantes guiarem também uma parte do rumo da aula.

Na segunda atividade, percebendo que os/as estudantes julgavam importante o uso do quadro e dos cadernos, preparamos uma atividade que envolvia o uso desses materiais. Nessa aula desenhamos o mapa da América Latina no quadro com a ajuda da turma, que nos auxiliou no posicionamento dos países através da consulta nos livros didáticos de Geografia. Essa atividade, além de retomar a regionalização do continente, permitiu o desenvolvimento dos principais conceitos mobilizadores da aula, como "imigrantes", "emigrantes" e "refugiados". Ao analisarmos as migrações históricas e contemporâneas da América Latina, foi possível debater também sobre a diversidade étnica no continente americano.

A terceira aula foi realizada no dia 19 de abril de 2022, data considerada como o dia dos Povos Indígenas¹⁹. Neste dia decidimos trabalhar essa temática em sala de aula através da continuação dos estudos sobre as populações das Américas. Inicialmente, buscamos explicar o motivo da data ser realizada nesse dia em específico, além de trazer dados sobre a população indígena nos países da América do Sul. Por fim, buscamos desenvolver reflexões acerca do tema juntamente com os/as estudantes, especialmente sobre a situação dos povos indígenas na sociedade brasileira, bem como os desafios que as populações originárias enfrentam cotidianamente.

Por fim, em nossa aula de encerramento planejamos o uso dos chromebooks - computadores portáteis adaptados para o uso em sala de aula - que são disponibilizados pela rede municipal às escolas. Através do uso da ferramenta Google Maps, requisitamos aos/as estudantes que analisassem algumas paisagens da América Latina e, através de perguntas, descrevessem suas impressões sobre elas. O principal objetivo desta atividade foi retratar através de imagens de satélite e fotografias aéreas as regiões estudadas nas aulas anteriores.

¹⁹ Entenda a importância de alterar o termo Dia do índio para o Dia dos Povos Indígenas. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/dia-do-indio-oudo-indigena-entenda-os-termos-e-como-nao-errar/>. Acesso em: 04 mai. 2022.



De maneira geral, as atividades foram um sucesso. A colaboração da turma foi boa, dentro das características pessoais de cada estudante. Fomos respeitados durante todos os momentos e mesmo com a agitação característica da idade da turma, conseguimos desenvolver algumas reflexões que nem mesmo haviam sido previstas no plano de aula.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

A escola conta com uma ótima infraestrutura, com uma área de aproximadamente 12.000 m², além de três quadras para prática esportiva, sendo uma delas um ginásio coberto em excelente estado, um amplo pátio com duas praças, horta, globos terrestres, disponibilidade de sala de vídeo e também do uso de computadores (chromebook), acesso à rede Wi-Fi para realização de pesquisas, possibilitando assim, diversas abordagens pedagógicas que podem ocorrer tanto ao ar livre, como em áreas cobertas.

Iniciamos os trabalhos em momento de retomada das aulas presenciais, portanto algumas atividades na escola ainda estavam previstas com retorno gradual. Um exemplo é o projeto da Horta na Escola, que ainda está em fase inicial por conta do longo período em que a escola funcionou de maneira remota. Tendo um amplo espaço em formato de estufa, a horta pode ser um espaço para desenvolver diversos temas, partindo desde explicações do cultivo até a importância da agricultura familiar, possibilitando ações interdisciplinares. Antes da Pandemia da Covid-19, havia um projeto da escola com grupos de dança que poderia ser retomado para interação com as aulas tratando de temáticas relacionadas à diversidade cultural. O diálogo entre os projetos da escola e as temáticas de sala de aula podem ser uma boa maneira de desenvolver conteúdos de forma contextualizada e interagir com o cotidiano dos/as estudantes.

Uma dica bastante importante para os próximos estagiários é o cuidado com a documentação exigida, tanto na parte do envio de documentos a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED/POA) quanto a abertura do processo junto ao SEI/UFRGS, pois quanto maior a antecedência e atenção ao exigido, melhor, podendo ser evitados possíveis atrasos na documentação e conseqüentemente tendo impacto direto na atuação dos docentes em formação no ambiente escolar.

Nossa participação como estagiários na E.M.E.B. Liberato Salzano Vieira da Cunha ocorreu de uma maneira desafiadora e bem-sucedida, pois fomos recebidos de maneira muito cordial pela professora titular da disciplina de Geografia, assim como também pela direção da escola, em especial o Vice-Diretor, que de um jeito muito amigável nos ensinou sobre a grande importância da escola para o bairro. As atividades foram desempenhadas com um planejamento aberto, criativo e de modo a pensar no contexto escolar local, e com isso, temos a certeza que a instituição se encontra de portas abertas para receber os/as futuros/as estagiários/as do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS.



Conforme Uberti (2021), o planejamento estava sendo considerado ultrapassado para quem atuava em sala de aula, todavia para nós - futuros docentes, foi fundamental para a elaboração e organização do trabalho. Uma ferramenta indispensável para a construção dos planos de aula focados em temáticas culturais, a partir do conteúdo proposto pela docente titular da disciplina de Geografia. Não pretendíamos ter “certeza acerca dos resultados” (CORAZZA, 1997, p.123) com a utilização do planejamento, mas sabíamos que a partir de um diagnóstico prévio teríamos condições de traçarmos um caminho, ações estruturadas para a construção de planos viáveis, porém adaptáveis às circunstâncias do dia a dia no exercício da prática docente.

4 - Referências:

Comunidade Promove Abraço em Defesa do Ensino Médio e Técnico de Escola Municipal. In: **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 de maio de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/05/comunidade-promoveabrace-em-defesa-do-ensino-medio-e-tecnico-de-escola-municipal-cjvzkexh001j101petkwf3xpe.html>. Acesso em: 04 de maio de 2022.d]. Disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=24_0_0. Acesso em 26 abr. 2022.

HUBLER, Jessica. Mobilização Tenta Evitar Fechamento de Vagas em Escola no Bairro Sarandi. In: **Correio do Povo**, Porto Alegre, 17 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/ensino/mobiliza%C3%A7%C3%A3o-tenta-evitar-fechamento-devagas-em-escola-no-bairro-sarandi-1.339830>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

UBERTI, Luciane; CORAZZA, Sandra Mara. **Planejamento de Ensino como estratégia de política cultural: planejar para lutar**, 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faced/wp-content/uploads/2021/07/Planejamentode-ensinocomo-estrategia-de-politica-cultural_Luciane-Uberti.pdf. Acesso em: 04 fev. 2022.

bicicleta



mapa



Terra



cidade



E.E.E.F. LUCIANA DE ABREU

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!

- Paulo Freire

bioma



população



orientação



parceria





CONHEÇA A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LUCIANA DE ABREU²⁰

Onde fica: R. Gen. Jacinto Osório, 60 - Santana, Porto Alegre.

Contatos: (51) 3223-2220 ou (51) 9260-7762 E-mail: eflucianaabreu-01cre@seduc.rs.gov.br

Facebook: <https://www.facebook.com/escolaludeabreu//>

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE	X	X			
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2022: 168 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

Projetos da Escola: Projeto de Vida.



Fonte: Acervo WikiEscolas, 2021.

²⁰Informações obtidas por meio de entrevista com o professor, redes sociais da escola e INEP.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA E.E.E.F. LUCIANA DE ABREU



Fonte: Autores. Elaboração com base em Google Earth, 2022 e ObservaPOA, 2022.



CONHEÇA A E.E.E.F. LUCIANA DE ABREU²¹

A história da escola se dá anos antes da sua fundação, quando uma senhora denominada Crispiana Antonia de Campos, no ano de 1909, abrigava em sua própria casa uma sala de aula, onde lecionava para estudantes, numa forma de “aula singular”.

No ano de 1930, a comunidade clamava e pressionava por escolas, então o estado do Rio Grande do Sul decide nomear professoras para lecionar conjuntamente com Crispiana. Em 1934, a fundação da escola acaba finalmente acontecendo oficialmente, nomeada como Grupo Escolar Luciana de Abreu, localizada em um prédio na Av João Pessoa, em Porto Alegre (RS). Em 1978, a escola muda de nome para Escola Estadual de 1º Grau Luciana de Abreu.

O nome da escola faz homenagem à primeira professora normalista e escritora do Rio Grande do Sul, Luciana de Abreu, que nos primeiros anos de vida foi abandonada na Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e adotada por Gaspar Pereira Viana, um senhor que atuava como guarda-livros na cidade. Luciana obteve destaque na escrita sobre temas que envolviam as mulheres e seus direitos, assunto considerado arrojado para época. A professora e poetisa faleceu aos 33 anos em Porto Alegre, vítima de tuberculose.

Atualmente a escola fica localizada na Rua Jacinto Osório nº 60, no Bairro Santana, em frente à Praça Major Joaquim de Queirós. Nas suas proximidades se encontram o Parque da Redenção, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, o Planetário da UFRGS, a Unidade de Saúde Modelo e o histórico Colégio Estadual Júlio de Castilhos. A escola atende estudantes que residem desde os bairros mais próximos a ela (Santana, Bom Fim, Cidade Baixa), até bairros mais distantes (Vila Cruzeiro, Morro da Cruz).

²¹ Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia I - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre 2021/2.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

No semestre 2021/2, dois grupos estagiaram nesta escola.

GRUPO UM: Bruno Ferreira Balbinot, Leonardo Bessetil de Melo e Pedro Wenzel de Moraes

1 - Observação:

A estratégia de observação seguiu o roteiro de observações disponibilizado pela disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I, e enquanto os trâmites das documentações necessárias para a atuação na escola ocorriam, iniciamos nossas observações através de uma entrevista on-line e com a professora titular de Geografia no intuito de conhecer os sujeitos e o ambiente escolar. Encontramos nosso primeiro desafio durante a entrevista, pois por motivos de saúde a professora se encontrava afastada da escola, e assim não conseguimos informações relativas às turmas e os/as estudantes com os quais iríamos trabalhar. Desta forma, direcionamos nosso foco em saber o máximo possível sobre a trajetória da professora e seus anos de atuação na escola.

O tempo escasso e a impossibilidade de observar aulas de Geografia presencialmente, disciplina com a qual a turma ainda não havia tido contato neste ano, e que caberia a nós dar início tendo em vista o afastamento da professora e a ausência de outros profissionais, levaram-nos a um cenário que não era o idealizado. Entretanto, munidos de ferramentas propiciadas a nós ao longo da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I e da nossas proveitosas conversas com a professora, buscamos extrair o melhor dos períodos observados a partir da realização de anotações e o preenchimento de lacunas que seriam fundamentais nas etapas seguintes.

2 - Planejamento + Atuação:

O planejamento das aulas para posterior atuação em sala é o momento principal a ser vivenciado em um estágio de docência, contudo, sem o processo prévio de investigação que fundamenta teoricamente o desenvolvimento das atividades de observação do contexto escolar, é bem possível encontrar dificuldades futuras na atuação em sala de aula como futuros professores. Partindo de nossas observações e com a orientação da professora titular de Geografia sobre os conteúdos curriculares que iríamos trabalhar, bem como as trocas de experiências com os/as alunos/a da turma 81 do Colégio Luciana de Abreu, foi definido que trabalharíamos no primeiro bimestre a revisão dos conteúdos trabalhados no ano anterior, ou seja, 2021.



A estratégia que seguimos para otimizar o tempo de apresentação da turma se iniciou com o questionário de cartografias pessoais com o objetivo de conhecer os indivíduos. Assim, organizamos a turma em um círculo e promovemos o compartilhamento das experiências em grupo, promovendo uma maior interação entre os/as estudantes e estagiários/as. Trabalhamos com a ideia de mapa colaborativo a ser confeccionado pela turma, segundo os temas estudados no ano anterior, no intuito de fazer o diagnóstico da turma e estabelecer quais assuntos iríamos dar prioridade durante nossa atuação. Escolhemos trabalhar a partir de mapas para promover a liberdade criativa e a integração de um dos/das estudantes com deficiência. Percebemos o domínio da turma em relação aos conteúdos sobre regionalização e os estados que compõem o Brasil, e assim optamos por trabalhar com estudos de população e biomas brasileiros, utilizando a criação de mapas como ferramenta pedagógica para sintetizar e consolidar os conhecimentos prévios.

Desta maneira, o protagonismo dos/as estudantes foi fundamental para realização das atividades propostas em sala de aula. A elaboração do mapa colaborativo foi importante na consolidação dos conteúdos curriculares do ano anterior e acreditamos que essa ferramenta, especialmente nas aulas de Geografia, pode vir a auxiliar na participação de todos/as em sala de aula.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

Tivemos a oportunidade de ser a primeira turma de estagiários a trabalhar presencialmente com a turma que vinha no contexto de ensino remoto emergencial por conta da Pandemia de Covid-19. Temos consciência deste privilégio e desejamos que os estagiários da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I que nos sucederão saibam e valorizem essa oportunidade de vivenciar o período de estágio presencial. Destacamos também que a escola vivencia a implementação do ensino integral e todos os desafios oriundos dessa conjuntura, em especial a sobrecarga de todos os profissionais em atuação na instituição e o impacto social deste novo modelo para estudantes e professores/as, que até recentemente estiveram afastados da escola por mais de um ano.

Os/as futuros/as estagiários/as certamente encontrarão uma escola melhor ambientada ao turno integral e estudantes mais adaptados a essa rotina, mas ao mesmo tempo é importante ter em mente a rotina extenuante enfrentada por muitos deles, em especial os que residem em regiões distantes, dependendo de transporte público precário e passando grande parte do seu dia longe de suas residências.



Por fim salientamos a importância de buscar se municiar das informações disponíveis antes da fase de atuação e planejamento, portanto, procurem saber ao máximo sobre a turma e os conteúdos nas interações com a professora supervisora, pois é nessa troca de vivências que haverá o maior ganho para todas as partes envolvidas.

GRUPO DOIS: Daniel Pereira Guerreiro, Gabrielly Busnello Marcarini e William Prux

1 - Observação:

Nosso olhar investigador e observador no estágio se iniciou antes mesmo de entrarmos em contato com a professora supervisora na escola, através das aulas da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia I. Com as professoras orientadoras na UFRGS, começamos a nos preparar para a atuação enquanto professores estagiários no Ensino Fundamental de uma escola pública de Porto Alegre (RS) através das discussões e propostas trazidas por elas para este estágio de docência. Com o auxílio de leituras e debates, pudemos exercitar nosso olhar de estudantes de Licenciatura em Geografia e nos preparar para dar uma aula de fato. Com leituras que foram de bell hooks (2013) à Luciane Uberti (2021), refletimos sobre os conflitos de classes sociais em sala de aula, além da relação entre teoria e prática nas atividades de estágio.

Após a escolha da escola que atuamos, realizada de maneira remota, iniciamos a pesquisa sobre a sua história e de seus arredores através de suas redes sociais na Internet e de uma entrevista com a professora titular de Geografia, que nos relatou que a escola agora funciona com turmas em tempo integral e que seria o primeiro ano dessa implementação.

Devido a algumas questões de saúde da professora, quando visitamos a escola presencialmente não foi possível observar os períodos de Geografia, porém, ela sempre nos auxiliou em todos os momentos em que estivemos na escola antes de realizarmos as aulas, e também tivemos a oportunidade de observar a turma durante toda uma tarde, o que possibilitou perceber como eles reagem a diferentes disciplinas escolares e também conversar com outros/as professores/as sobre a escola e o sétimo ano num sentido mais amplo.



2 - Planejamento + Atuação:

Logo após o processo de observação, iniciaram-se as atividades com os/as estudantes do sétimo ano, assim, nos foi designada para trabalho uma turma de dezoito alunos, com idade de onze a quatorze anos para serem acompanhados durante o estágio docente. Desde as observações, onde comparecemos presencialmente ao colégio, mantivemos um contato próximo com a professora supervisora, por meio dela tivemos uma base inicial em relação ao que seria trabalhado em sala de aula e quais abordagens metodológicas a dinâmica escolar. Fomos orientados a seguir o sistema organizacional de conteúdos que o colégio costuma utilizar em relação às divisões bimestrais do ano letivo, neste sistema, o primeiro bimestre deveria proporcionar uma revisão dos conteúdos já trabalhados no ano letivo passado, assim, durante o primeiro bimestre de 2022 da turma 71 da E.E.E.F. Luciana de Abreu, foram lecionados pelos três estagiários conteúdos que os/as estudantes haviam abordado ao longo do seu sexto ano. Os temas eleitos foram orientação geográfica, movimentos da terra e fusos horários. O material de apoio foi o livro didático de Geografia do ano anterior (6º ano, Ano 2021) adotado pela escola.

No momento da divisão dos estagiários com as suas respectivas turmas, nos foi informado que os/as participantes da turma setenta e um eram em sua maioria muito agitados, dos quais alguns eram novos no colégio e vindos de bairros distantes do centro, local onde fica situada a escola. Em sua disposição geral, a turma conta com alunos/as em sua maioria residentes de bairros próximos à escola, esses muitos se dirigem ao local a pé ou por meio de automóveis. Uma outra parcela oriunda de bairros mais distantes como Lomba do Pinheiro ou Agronomia, precisam utilizar ônibus no trajeto de ida e volta, levando um tempo significativo neste deslocamento. Se pensarmos que os/as estudantes periféricos precisam acordar mais cedo para pegar o ônibus e ir em direção ao seu local de estudo, tendo que ao chegar o mesmo irá vivenciar um longo turno integral, podemos perceber que para uma parcela destes/as estudantes essa acaba sendo uma rotina muito exaustiva. Notamos isso no cotidiano da turma, pois muitos expressavam seu cansaço ou sono, por estudarem durante os dois últimos períodos das quintas-feiras. Era nítido o cansaço já acumulado da turma por conta de uma semana de turno integral na escola. Irritação e ansiedade eram sentimentos comuns perceptíveis durante as aulas.

Por conta deste contexto, construímos nossos planejamentos de ensino com o intuito de promover a participação dos/as estudantes na aula, pois percebemos que se eles estivessem engajados nas dinâmicas, respondendo perguntas sobre conceitos que eles já tinham conhecimento, o cansaço e irritação acabavam por alguns momentos sendo deixados de lado.



3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

Diferentemente dos semestres passados, o estágio neste período se deu de forma presencial, algo que todos esperavam experienciar. A presença do turno integral também foi uma novidade na escola, e é nisso que devemos nos atentar. Grande parte das reclamações dos/as estudantes se deu por conta do cansaço em função das aulas de manhã e à tarde, com relatos de alunos/as que acordam às 4h00 para chegar à escola, retornando às suas casas por volta de 19h30. Ou seja, uma grande dica para os próximos estagiários é ter sensibilidade ao esgotamento físico e mental das turmas, tendo cuidado com a carga e exigência nas tarefas. Ouvir as reclamações dos/das estudantes e ser compreensível faz parte do ofício docente, em que muitas vezes a turma apenas quer ser ouvida, expressando seus descontentamentos, se sentir vista e ter sua opinião validada. Em síntese, entender que o que em muitos momentos parece ser uma revolta sem motivo, às vezes basta perguntar e ouvir o que há por trás disto tudo. O/a estudante quer ser ouvido e levado à sério.

4 - Referências:

HOOKS, Bell. Confrontação da classe social na sala de aula In: Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013..

UBERTI, Luciane; CORAZZA, Sandra Mara. **Planejamento de Ensino como estratégia de política cultural: planejar para lutar**, 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faced/wp-content/uploads/2021/07/Planejamentode-ensinocomo-estrategia-de-politica-cultural_Luciane-Uberti.pdf. Acesso em: 04 fev. 2022.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I

2021/2





Espaço Educativo Comunidade Quilombo do Areal

Estágio Supervisionado em Geografia II 2021/2





CONHEÇA O ESPAÇO EDUCATIVO COMUNIDADE QUILOMBO DO AREAL

Onde fica: Av. Luiz Guaranha, nº: 44, Bairro: Menino Deus, Porto Alegre – RS – 90160-110

Contatos: (51) 3013-4127 E-mail: comunidade.quilombodoareal@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/quilombo.doareal.71> **Instagram:** @quilombodoareal

Principais atividades realizados no espaço educativo (além do estágio):

- Projetos de apoio a comunidade, envolvendo diversas instituições.
- Seminários, palestras e rodas de conversas.
- Eventos e festividades.

Total de moradores em 2022: 1259 moradores (131 mulheres e 125 homens), sendo 71 famílias.



Fonte: Acervo WikiEscolas, 2022.

Projetos: A Comunidade Quilombo do Areal participa de vários projetos em parceria com instituições de ensino, como a UFRGS e a ULBRA, em projetos que visam a qualificação técnica dos jovens do quilombo, além do reforço escolar. A comunidade tradicionalmente promove ensaios de rua para o Carnaval do Quilombo do Areal. Esse projeto em especial ensina quem quiser aprender sobre samba, percussão e dança durante todo o ano. Link da página Areal do Futuro, que promove as oficinas e ensaios (<https://www.instagram.com/arealbaronesa/>)



Mapa de Localização do Quilombo do Areal. Autoria: Estagiários do grupo, 2022



CONHEÇA O ESPAÇO EDUCATIVO COMUNIDADE QUILOMBO DO AREAL²²

A Comunidade Quilombo do Areal é um quilombo urbano de resistência dos povos tradicionais quilombolas, situado na Avenida Luiz Guaranha, que têm suas heranças advindas de um espaço ainda mais antigo, que, por sua vez, evoca a própria história de Porto Alegre e seu espaço urbano. Desde meados do século XIX a região onde hoje situa-se a comunidade, já possuía a presença de residentes negros, escravizados e forros, na área denominada “Arraial da Baronesa”. Essa área era margeada pelo Rio Guaíba e devido a grande quantidade de areia presente no local, acabou por tornar-se “Areal da Baronesa”. A área fazia parte da chácara de propriedade da Baronesa do Gravataí que após sua morte, ficou sem dono e continuou a ser abrigo dos negros forros e fugidos que se mantiveram ali sobrevivendo dos trabalhos típicos que eram desempenhados nas casas dos senhores escravocratas. Um dos que se destaca é o trabalho das lavadeiras, que eram demandadas pelos setores militares próximos do Areal – setores presentes até hoje. Tempos depois viajante Luiz Guaranha arrematou essas terras que pertenciam à baronesa e alterou a relação das pessoas que ali moravam. O viajante observou na população residente daquele local uma oportunidade de lucrar e passou a cobrar aluguéis em troca de reformas, já que os locais de residência eram as antigas estrebarias da chácara da baronesa, e como única chance de ter um lugar um pouco mais digno para morar a população veio a aceitar a proposta. Naquele tempo o Areal da Baronesa era constituído de várias avenidas descontínuas entre si (sem saída) que formavam aglomerados de barracos com porta e janela, com infraestrutura precária.

Após a morte de Luiz Guaranha, suas propriedades foram deixadas para a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre que continuou a cobrar os aluguéis da população. Juntamente com a troca de titularidade ocorreu o interesse da Prefeitura da capital na área do Areal da Baronesa. Com a desculpa de urbanizar o centro e de criar novos bairros a periferia iniciou o processo de retirada dos moradores de várias avenidas existentes para as periferias da cidade, Lomba do Pinheiro e Restinga, ao mesmo tempo que os moradores da Avenida Luiz Guaranha viram construções de alto padrão tomarem o lugar dos espaços das antigas avenidas vizinhas.

²² Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia II - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre de 2021/2. Entrevista presencial com a liderança do quilombo, além de uma pesquisa histórica no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.



Com esse cenário, as moradoras organizaram-se e formam o “Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida” que visava dar amparo para os filhos da comunidade nos contraturnos da escola, oferecendo almoço, roupas e abrigo para sanar algumas demandas em uma tentativa de se manter no seu local. Logo perceberam que somente ações voltadas ao amparo social da comunidade não seriam suficientes para manter a posse de suas casas, então decidiram criar algo que pudesse representar a comunidade legalmente perante o poder público. Assim fundaram a “Associação dos Moradores da Avenida Luiz Guaranha” no ano de 2002. A associação foi responsável por diversas conquistas para os moradores como a construção da rede de esgoto da comunidade e a luta para a prefeitura permutar o terreno onde se situa a comunidade com a Santa Casa, passando a posse para o poder público municipal. A posse da prefeitura foi um grande passo, contudo não assegurava a permanência da comunidade no local, então em 2002 a então presidência da associação, amparada pelo Movimento Negro e pelo DEMHAB, ganha o conhecimento da lei que ampara comunidades de povos remanescentes tradicionais Quilombolas e Indígenas. Tendo em vista a utilização desta lei para conseguir a permanência da comunidade, a associação muda a razão social para “Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal” e dá entrada nos trâmites e processos que se resolveria em 2013 com o reconhecimento do Quilombo do Areal no Diário Oficial da União, e em 2015, após muita luta, a Prefeitura de Porto Alegre doa a área para a Associação, não de modo a fazer qualquer favor, mas sim seu dever em reconhecer a presença, história e memória.

Desde então a comunidade atua e se organiza por meio da associação de moradores para criar parcerias com instituições e movimentos sociais com objetivo de atender as demandas da comunidade, principalmente com relação à inserção dos moradores no mercado de trabalho através de oficinas de qualificação técnica, e do reforço escolar para os/as estudantes do quilombo, por meio da atuação de estudantes e estagiários/as dos cursos de Licenciatura de instituições de ensino como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, dentre outras. Ademais, a comunidade mantém viva a herança do samba e da cultura afro-brasileira com as tradicionais festividades do Carnaval de Rua do Quilombo do Areal durante o ano inteiro, mantendo também oficinas de música, percussão e dança para quem quiser participar.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

GRUPO: João Gabriel Lorde de Souza, Rafael Salami Dora e Ricardo Gabriel Luisi

1 - Observação:

O primeiro momento de observação do espaço educativo com o qual trabalhamos, a Comunidade Quilombo do Areal, se deu por meio das pesquisas bibliográficas que realizamos a fim de nos aproximarmos dos aspectos desse espaço como a sua localização, o seu contexto geográfico e histórico em meio a capital gaúcha, bem como as suas características econômicas, culturais e sociais. Então, foi visto que o nosso espaço educativo, o Quilombo do Areal, localiza-se na Avenida Luiz Guaranha, bairro Menino Deus, entre a zona sul e o centro de Porto Alegre. Chamou nossa atenção o fato da comunidade ter sua população predominantemente preta ou parda, indo de encontro ao padrão étnico observado nos bairros centrais de Porto Alegre e da população gaúcha de modo geral. Também observamos certos graus de vulnerabilidade social que destoam dos padrões do entorno encontrados no bairro Menino Deus, entendendo que de alguma forma a “localização privilegiada do quilombo” não reflete a condição econômica dos moradores.

Com o objetivo de nos aprofundarmos mais a respeito da comunidade marcamos uma visita ao Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, localizado próximo do nosso espaço educativo de atuação, na Rua João Alfredo, nº 582, no Bairro Cidade Baixa. No museu, acessamos num primeiro momento o material arqueológico coletado durante os trabalhos de escavação realizados no território do Quilombo do Areal no ano de 2004. Entre eles estavam algumas louças de alumínio e outras de barro utilizados pela população que ali vivia em tempos passados. Feita a pesquisa no acervo arqueológico, subimos um andar no casarão para consultar o acervo fotográfico do museu. Nele pesquisamos registros sobre o Quilombo do Areal e encontramos algumas poucas fotografias panorâmicas onde se pode identificar o contexto geográfico da região ao qual o Quilombo está inserido, além de muitos registros fotográficos do tradicional carnaval de rua do Areal da Baronesa, patrimônio cultural desse lugar. A segunda parte das nossas pesquisas sobre o quilombo se deu por meio de uma entrevista com uma das lideranças da comunidade, que nos deu todo apoio possível durante o período do estágio. As memórias e as histórias que a liderança nos contou foram muito além do que esperávamos e contribuíram fundamentalmente para entendermos melhor o panorama histórico, social e as demandas da comunidade, abrindo possíveis horizontes para nossa atuação docente dentro daquele espaço.



2 - Planejamento + Atuação

O planejamento e a atuação dos estagiários no Espaço Educativo Comunidade Quilombo do Areal esteve desde o início pautado nas demandas apresentadas pelos sujeitos desse espaço e pelas possibilidades em termos de tempo de atuação que os estagiários possuíam diante do cronograma da disciplina. Em nosso primeiro contato com a liderança do quilombo a demanda que foi nos apresentada era de reforço escolar de geografia para uma lista de treze estudantes de faixas etárias e anos escolares distintos. Tendo em vista nossa restrição de tempo para atuar junto à comunidade e também a diversidade, tanto em termos de idade quanto de série escolar dos/as estudantes, tomamos a liberdade de propor nossa atuação por meio de duas oficinas que dessem conta de atender as suas demandas na comunidade e ao mesmo tempo se adaptasse aos breves momentos que tínhamos para interagir.

A primeira oficina, mais próxima de uma roda de conversa, tinha como tema o acesso e a permanência no ensino superior e buscava a participação dos jovens da comunidade que estavam no Ensino Médio. Preparamos uma apresentação com as formas de acesso ao Ensino Superior através da prova do ENEM e dos programas de governo como o Sisu, o ProUni e o FIES, assim como das formas de permanência nas universidades públicas e privadas como as bolsas de auxílio transporte, material e alimentação. Compareceram à oficina apenas os/as jovens que estudavam no Ensino Fundamental, nos obrigando a reinventar o planejamento no ato da interação, adaptando as ideias ao público presente naquele momento. Conversamos sobre futuro profissional, possíveis profissões e qual curso é necessário fazer para obter tal diplomação, explicamos o que era o ENEM e para que servia, além de sutilmente aproximá-los da universidade pública contando um pouco da nossa relação com esse espaço e o que era possível a partir disso.

O segundo momento de interação se deu através de uma segunda oficina, realizada também na comunidade do quilombo envolvendo os/as estudantes do Ensino Fundamental, aqueles mais novos da lista de interessados e mais aqueles/as que mostraram interesse no dia da oficina. A proposta da oficina consistia em exercitar a alfabetização cartográfica dos/das estudantes a partir de elementos do próprio espaço da comunidade. Pensando nisso trouxemos alguns mapas e uma bússola para construirmos algumas ideias básicas sobre o espaço como localização, orientação e escala. Apresentamos e discutimos a respeito dos mapas do Brasil, Rio Grande do Sul e Porto Alegre, incentivando os/as alunos/as a observar quais diferenças existiam entre um mapa e outro principalmente a escala e o detalhamento. A partir da bússola construímos com o grupo a ideia de orientação dos mapas e a localização do norte, do sul, do leste e do oeste, desmistificando a ideia comum de que o norte fica “para cima” e o sul “para baixo”. Utilizando seus próprios corpos, construímos a noção de orientação através do movimento do Sol e pintamos uma rosa dos ventos no meio da avenida Luiz Guaranha para que os/as participantes daquele momento exercitem sempre que quiserem o conceito vivenciado de que se apropriaram.



3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

O espaço do Quilombo do Areal, desde sua apresentação nas primeiras aulas da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, se mostrou um espaço singular e quando fomos presencialmente se revelou mais ainda. O fato de lidar com um espaço que não é uma instituição de ensino regular pode assustar no primeiro momento por não haver um cronograma mais tradicional e mesmo pela relação ser completamente diferente, pois não lidamos com estudantes ou turmas, trabalhamos com as pessoas que vivem naquela comunidade. Isso deve ser visto como uma grande oportunidade para compartilhar tudo que a geografia tem a contribuir com a comunidade e a comunidade para a geografia.

Um desafio que propomos aos próximos estagiários é se aproximar do público adolescente, que estão nos anos finais do Ensino Fundamental e também do Ensino Médio, e também das atividades educativas que nós estagiários realizamos neste espaço, sempre considerando que a nossa interação se dá com a comunidade e sua população de modo geral e não somente com a Associação da sua porta para dentro. Sugerimos que realizem uma nova oficina sobre Acesso e Permanência nas Universidades, assim como a nossa que foi pensada para os/as estudantes dessa faixa etária. Em nossa atuação, entretanto, acabamos não contando com a presença destes jovens adolescentes nas atividades realizadas na Associação, apesar de verificarmos a presença de muitos deles em todas as nossas visitas à comunidade. Ao tratar deste tema com esses jovens, que pertencem a faixa etária que mais confere interesse, acabamos levando informações sobre como ter acesso ao Ensino Superior público, gratuito e de qualidade e assim abrindo uma nova gama de possibilidades para o seu futuro, visto que por muitas vezes eles nem sabem dessa possibilidade (por exemplo: nós, estagiários, moradores de bairros de periferia e que também possuem uma população com certa vulnerabilidade social, comumente somos questionados por nossos vizinhos sobre “quanto pagamos” para estudar na UFRGS) e visualizam a graduação universitária como algo improvável.

Dito tudo isso, esperamos que os próximos estagiários a atuar nesse espaço educativo possam fazer um bom proveito de nossas pesquisas referentes ao contexto geográfico, cultural e histórico desse lugar, e também dos relatos das experiências docentes vividas junto à comunidade do Quilombo registradas neste Atlas, sempre atentando para as peculiaridades deste lugar aqui descritas e também para as singularidades de cada estudante, a fim de aprimorar cada vez mais a atuação da Geografia e da Universidade neste espaço educativo diverso.



EEEM ANNE FRANK

Estágio Supervisionado em Geografia II - 2021/2





CONHEÇA A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO ANNE FRANK²³

Onde fica: Av. Cauduro, 238 – Bom Fim, Porto Alegre – RS, 90035-110.

Contatos: (51) 3311-3864 e (51) 9479-4528 / emanefrank-01cre@educ.rs.gov.br e escolaannefrankpoa@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/EscolaAnneFrankPortoAlegre> **Instagram:** @escolaannefrank

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ	X	X			
TARDE		X			
NOITE				X	

Total de estudantes matriculados em 2022: 350 estudantes



Fonte: Acervo WikiEscolas, 2021.

Projeto Político Pedagógico (PPP): Online em <https://drive.google.com/file/d/1nzsouD9SJyHiHX5TTS5393nt6vDUGdPP/view?usp=sharing>

Projetos da Escola: Atualmente não há nenhum projeto ativo, mas anualmente são promovidos alguns eventos relacionados à semana do Gaúcho e da Consciência Negra, por exemplo.

²³Informações obtidas por meio de entrevista com a professora de geografia do EJA e a vice-diretora da escola, bem como pesquisa no site da escola. Disponível em: <<https://escolaannefrank.weebly.com/?fbclid=IwAR3WpogJhmF2ufu7bdReiS6dbzCMSczSV16txYY6QCCvGxhsBOTEaAfaAo>>.



Localização da Escola Estadual de Ensino Médio Anne Frank no Bairro Bom Fim - Porto Alegre, elaborado por Rafaela Rodrigues, 2022.



CONHEÇA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO ANNE FRANK²⁴

A Escola Estadual de Ensino Médio Anne Frank foi fundada em 1 de abril de 1966, sendo oficializada apenas em 25 de janeiro de 1967 pelo então governador do estado do Rio Grande do Sul Ildo Meneghetti. O prédio, ainda inacabado, teve como primeira diretora a professora Athoalpa da Silva Paz, que foi uma figura fundamental para a comunidade escolar e até hoje é lembrada e homenageada – a sala de vídeo, inclusive, leva seu nome e conta com uma foto sua emoldurada. Localizada no bairro Bom Fim, um bairro central de Porto Alegre, limitado pela Avenida Osvaldo Aranha, da esquina da rua Sarmento Leite até a Felipe Camarão, até a rua Castro Alves, sempre paralelo à Avenida Independência e conta com 9.450 habitantes. O local, inicialmente chamado de Campo da Várzea, era uma área pública e servia como local de guarda do gado trazido para o abastecimento local. Teve sua denominação alterada para Campo do Bom Fim, em função da construção da Capela Senhor do Bom Fim e, até o final do século XIX, se manteve sem grandes alterações. Com a assinatura da Lei Áurea em 1888, muitos dos escravizados libertos refugiaram-se nessa região, passando a ser chamada popularmente “Campo da Redenção” – a população de ex-escravizados permaneceu residindo no território até ser expulsa no processo de urbanização da cidade. Localizado em frente ao Parque Farroupilha, próximo ao Campus Central da UFRGS e de grandes hospitais, o bairro tem muitas opções de comércio, restaurantes, lanchonetes e bares. Historicamente, é conhecido como o bairro judeu de Porto Alegre, recebeu esse título a partir da chegada de um grande número de comerciantes judeus ao bairro, na década de 1920. Nesse contexto de forte influência judaica, o nome da Escola faz memória a Anneliese Marie Frank (1929 - 1945), conhecida por ter sofrido perseguição no contexto do Holocausto por ser de família judia. Na primavera de 1942, a menina Anneliese passa a se esconder no Anexo Secreto (Holanda), onde escreveu seus diários descrevendo o que viveu no local. Em 1944 foi descoberta e deportada para Auschwitz, no final deste mesmo ano foi levada para o campo de extermínio (Bergen-Belsen) onde, em março de 1945, acabou falecendo vítima de febre tifóide, aos 15 anos.

A escola, apesar de estar inserida em um bairro central e de classe média, atende estudantes oriundos dos mais diversos bairros de Porto Alegre e de outras cidades da Região Metropolitana. Entre os cerca de 350 alunos matriculados, há uma grande diversidade étnica e cultural – que foi observada, sobretudo, durante as interações com as turmas da modalidade EJA. A escola conta com pátio e quadras esportivas, uma biblioteca em espaço amplo e com acervo grande e diverso, sala de vídeo equipada com lousa interativa, projetor multimídia, notebook e televisão, salas de aula amplas e refeitório. Além disso, a escola possui um bom acervo de mapas.

²⁴ Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia II - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre de 2021/2.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

No semestre 2021/2, três grupos estagiaram nesta escola.

GRUPO UM: Kelly Cristina Pedroso Cardoso e Rafaela Rodrigues

1 - Observação:

Após vários semestres na Licenciatura da Geografia/UFRGS, conhecendo, discutindo de forma conceitual diversas práticas pedagógicas chegou o momento de realizar o estágio docente obrigatório. E ainda melhor se a escola escolhida for bem estruturada fisicamente e provida de um corpo docente engajado com a comunidade a qual trabalha, assim como é a Escola Anne Frank, no coração do bairro mais eclético de Porto Alegre, o Bom Fim. Desde o primeiro contato junto a escola, percebemos a organização por suas diversas redes sociais na Internet, sempre atualizadas e até com resumos da carreira dos Professores que iríamos ter contato, isso cativa tanto as turmas como os/as estagiários/as neste momento entre ser estudante universitário e almejar ser um professor. Alguns contrastes já eram aparentes na leitura dos dados sobre o bairro onde ela estava inserida, através de uma pesquisa prévia. Quem seriam esses sujeitos? A turma 101 da totalidade 7 tinha uma grande lista de chamada, mas as/os estudantes mais frequentes não passaram de quinze.

Durante a entrevista a Professora relatou sobre a dinâmica com uma turma iniciante, que ainda não tinha muito entrosamento, mas havia disposição. Uma reunião entre todos os estagiários do semestre 2021/2 e a professora de Geografia foi fundamental para conhecermos toda engrenagem que iríamos participar durante os meses de março e abril/2022. Tratava-se de um grupo heterogêneo, pessoas entre 20 e 70 anos, muitos destes trabalhadores que estavam retomando seus estudos, com diversas ocupações e oriundos de diferentes pontos da cidade. O período de observação, então, ganha outras peculiaridades.

A experiência com estudantes da EJA também merece destaque, muitos deles/as com idade para serem nossos pais e até morando em locais da cidade distantes da escola, mostravam um comprometimento em buscar uma oportunidade de recomeço profissional ou até concluir antigos projetos pessoais, como voltar a estudar, muitas vezes deixados de lado por diversas razões durante suas vidas. A pontualidade do início das aulas foi algo que chamou atenção, pelo comprometimento tanto dos/das professores/as como para os/as estudantes. Bem como, a busca por soluções para diminuir a evasão escolar, como reduzir os períodos para 30 minutos durante as sextas-feiras, terminando as atividades da escola às 21h.

Nossa primeira experiência dentro da sala de aula foi observando a didática da professora ao conduzir os ensinamentos sobre Latitudes, Longitudes e Fuso horários, através de material didático, como fotocópias distribuídas para a turma, infelizmente pagas através de recursos dos/as próprios/as professores/as.



2 - Planejamento + Atuação:

Nosso trio de estagiários organizou-se de forma com que todos tivéssemos a oportunidade de atuar como professores e formuladores do material a ser apresentado nas aulas. Nesta etapa de ensino, está prevista a apresentação de conceitos de localização e fusos horários, seguidos da introdução aos conceitos de meio natural, técnico, científico e técnico-científico-informacional, além dos que são fundamentais à Geografia (espaço geográfico, paisagem, lugar, região e território). Depois de conhecer a turma e tendo acompanhado duas aulas, foi possível organizar os planos de interação de modo com que pudéssemos desenvolver os temas da melhor maneira com as/os estudantes. Também devido ao calendário escolar, as aulas se dariam com o espaço de uma semana, sempre no último período noturno das terças-feiras. O grupo optou por realizar aulas/interações expositivas utilizando textos impressos e com o uso da lousa para registros, elaboração de linhas do tempo e de esquemas didáticos, que foram seguidas de exercícios comentados, sempre encontrando ganchos entre um tema e o outro, que foram organizados da seguinte forma:

1ª interação/aula: Do meio natural ao técnico-científico-informacional;

2ª interação/aula: Espaço Geográfico (1ª parte);

3ª interação/aula: Espaço Geográfico (2ª parte) e Lugar, Paisagem, Região e Regionalização;

4ª interação/aula: Territórios e Territorialidades;

5ª interação/aula: Revisão dos temas abordados no período do estágio, através de vídeo e exercícios comentados.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as:

O estágio supervisionado realizado em espaços educacionais diversos é parte fundamental no processo de formação de professores/as, e torna-se ainda mais importante e prazeroso com apoio de professores/as da escola, os quais tivemos o prazer de sermos acolhidos, nosso muito obrigado a todo corpo docente do Anne Frank a qual seremos sempre gratos. Aos colegas que virão para trabalhar com turmas de EJA, este é sempre um momento de acolhimento, de (re)aproximação, já que pelo decorrer de suas histórias não puderam completar suas vidas escolares.

Nos vale olhar a cada um nos olhos e compreender como abordar o assunto da aula, como usar exemplos de um cotidiano e de outros que possam despertar outras curiosidades. O ensino de Geografia vai além de levar os conceitos e temas até o estudante, mas trazê-los para perto dele.



GRUPO DOIS: José Luis Dimer Schutt e Mariana Barth Presser

1 - Observação:

Nosso trabalho na EEEM Anne Frank se iniciou com uma pesquisa sobre seu histórico e estrutura, seguido de uma entrevista com a professora de Geografia da EJA, que nos acolheu e supervisionou nossa atuação na escola. Na primeira visita ao local, conhecemos seu espaço e estrutura, acompanhados pela professora, que também nos concedeu uma entrevista nos permitindo conhecer melhor o histórico e cotidiano da escola. Além disso, ela nos apresentou sua trajetória na escola, que já chega a mais de trinta anos. Quanto à sua rotina de trabalho na escola, nos informou que atua exclusivamente na EEEM Anne Frank, com carga horária em sala de aula de dez horas semanais, todas lecionando Geografia nas três turmas da modalidade EJA (uma de cada totalidade). Buscamos, através dessa entrevista, conhecer suas estratégias de atuação docente e coletar informações sobre a turma, para direcionar nossos planejamentos de interação e pensar nossa atuação futura. Essa visita e conversa resultaram na elaboração de um roteiro de investigação e observação, que foi essencial para começarmos nossa imersão no espaço escolar da EEEM Anne Frank.

2 - Planejamento + Atuação:

A partir das informações fornecidas pela professora e da primeira observação em sala de aula, percebemos que a turma 201 (Totalidade 8) tinha um perfil discreto, com poucas interações. Era de nosso conhecimento, também, que a turma era composta por estudantes oriundos de diferentes bairros e de algumas cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, como Alvorada, Eldorado do Sul e Viamão, e que muitos vão para a aula direto do trabalho. Em razão da aula de geografia na turma ocorrer no primeiro período, observamos uma dificuldade de iniciar a aula pontualmente, uma vez que alguns estudantes chegam atrasados. Em algumas situações os/as estudantes relataram estar cansados pelo fato de terem trabalhado durante o dia.

Ao total, foram seis encontros (um de observação e cinco de interação), em que nossa dinâmica de trabalho ocorreu de forma bastante autônoma, desde o planejamento das interações até a execução destas. A professora nos orientou quanto aos conteúdos que já haviam sido trabalhados, nos dando liberdade de escolha quanto aos objetos de conhecimento a serem abordados em nossa atuação, dentro do que estava previsto no seu planejamento semestral já existente. Dentro destas possibilidades, optamos por iniciar nossos encontros trazendo os conceitos geográficos, como: paisagem, lugar e espaço geográfico. A partir disso, começamos a trabalhar o histórico de urbanização da cidade de Porto Alegre, após desenvolvidos estes conceitos e histórico, trouxemos a problemática socioambiental do processo de urbanização e das dinâmicas das grandes cidades, buscando provocar reflexões e instigando os/as estudantes a se verem como agentes produtores do espaço geográfico. Desde o início, a turma se mostrou participativa e bastante crítica ao que era apresentado, o que gerou inúmeras discussões espontâneas durante nossos encontros.



Sabendo que os/as estudantes eram pouco ativos na aula, com base em nossa observação inicial, para a primeira interação como docentes optamos por utilizar os percursos diários dos estudantes como estratégia para mobilizar a turma e melhor conhecê-los, para juntos construirmos os conceitos de paisagem, lugar e espaço geográfico.

A ideia era questionar onde residem e o que chama sua atenção em seus trajetos, formando nuvens de palavras no quadro com suas respostas. A partir dessa dinâmica, construímos juntos esses conceitos centrais, em uma aula bastante interativa e produtiva. Os encontros que se seguiram foram de diversas trocas e discussões, que por muitas vezes fugiam do assunto pretendido, mas eram igualmente relevantes para o espaço educativo e pertinentes ao estudo geográfico.

Os planejamentos combinavam momentos expositivos, atividades que promoviam debates e discussões, e previam algumas atividades para casa, apesar de não obtermos retorno nestas últimas percebemos os estudantes bastante engajados e interessados na construção dos conteúdos.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as:

Teria sido muito interessante e produtivo se pudéssemos ter realizado uma saída de campo (inclusive ao final do nosso último encontro os/as estudantes levantaram esta questão), já que nossas aulas incorporaram a geografia urbana e impactos socioambientais no contexto da capital gaúcha. Trazer elementos da realidade dos/das alunos/as foi fundamental aos nossos encontros, visto que o retorno deles foi muito significativo, demonstrando que as aulas geraram curiosidade e instigaram os/as estudantes a terem a iniciativa de buscar informações referentes aos elementos presentes em suas rotinas.

Com base em nossa breve experiência nesta turma da EJA, percebemos que talvez seja pouco produtivo solicitar trabalhos que demandem muito de seu tempo fora da escola, pois das duas atividades que solicitamos, não obtivemos nenhum retorno. Porém, buscamos incentivar os/as estudantes a darem continuidade às suas ideias de atividades e projetos futuros com a professora regente.

GRUPO TRÊS: Cristiano Fagundes Jardim, Marcelo Rates Roncato e Rafael Augusto Braga

1 - Observação:

Nossa observação ocorreu de duas formas, uma através da entrevista com a professora de Geografia, presencialmente no colégio. Outra através do acompanhamento da aula que ela lecionou para a Totalidade 9, com quem trabalhamos. Com muito entusiasmo fomos até a EEEM Anne Frank para conhecer o espaço educativo de forma presencial, depois de alguns semestres de ensino remoto emergencial, enfim se tornou possível estar presente fisicamente no espaço onde realizamos o estágio. Nos sentimos como arautos da primavera anunciando que o inverno pandêmico estava desvanecendo, seguimos todos os protocolos sanitários e recomendações exigidas pela escola e pela UFRGS.



Na escola, fomos carinhosamente recebidos pela professora de Geografia, que nos levou até a sala dos/das professores/as, onde foi realizada a entrevista com a professora, que nos contou a sua trajetória como docente, sobre seus 22 anos atuando na EEEM Anne Frank, o espaço escolar, as singularidades da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como, nos falou sobre os/as estudantes da Totalidade 9, que foi a turma onde atuamos como professores/as estagiários/as. Além da entrevista, a referida professora nos levou para conhecer a biblioteca, a sala vídeo, o refeitório, e as demais dependências da escola, nos informando os dias e horários das aulas de Geografia da turma. Ela nos deixou escolher livremente quais temas escolheríamos para as aulas. Na segunda observação, fomos apresentados para a turma como os professores estagiários de Geografia. Assistimos a aula apenas como ouvintes, sentamos nas cadeiras da última fileira para melhor visualização da dinâmica em aula e recebemos o texto e o exercício dado.

2 - Planejamento + Atuação:

A professora leciona para três turmas do Ensino Médio durante a noite e duas de tarde, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. Muitos dos estudantes do turno da noite moram longe da escola, por isso, as aulas da noite foram antecipadas, para que dê tempo de eles pegarem o ônibus (a parada é perto da escola). Nós ministramos cinco aulas para a turma 301 do EJA, sendo quatro períodos de 45 minutos (quartas-feiras) e um de 30 minutos (sexta-feira). Procuramos seguir o cronograma curricular que a professora nos apresentou no dia da entrevista, trabalhando com a temática agrária, com foco inicial nos agrotóxicos. Para além do conteúdo, procuramos conhecer os/as alunos/as e também trazer informações em relação ao ingresso em instituições públicas de Ensino Superior, com as possibilidades de ingresso depois de concluírem a Educação Básica. Tivemos momentos de apresentação mútua em aula, perguntamos para eles/as seus nomes, idade, há quanto tempo estão na Escola Anne Frank e o que gostam de fazer. Dando liberdade para nos perguntarem outras informações, a turma perguntou o porquê termos escolhido ser professores/as de Geografia.

O ponto de partida para a troca de saberes foi mostrar o documentário “O veneno está na mesa”, que teve sua discussão efetivada na aula seguinte. Preparamos um questionário a partir das informações do documentário, seguindo a proposta que a professora fez na aula que observamos, sem o objetivo de avaliar e sim responder/corrigir as questões de forma coletiva. A partir do momento em que relembramos o prazo de solicitação da isenção de taxa de inscrição do ENEM, a aula se tornou um momento de dúvidas e respostas em relação ao ingresso na faculdade e instituições federais.

Não abordamos o conteúdo como planejado, mas procuramos sanar dúvidas importantes ou orientar onde as dúvidas podem ser respondidas. Popularizar o ingresso nessas instituições federais ou até estaduais e levar informações sobre as condições de permanência que elas oferecem é um dos caminhos para uma educação de qualidade e para todos/as. Muitos/as demonstraram interesse no assunto, compartilhando a vontade de ingressar em algum curso e pediram a lista de cursinho impressa, que entregamos na aula seguinte. Colocamos o nosso número no quadro para eventual ajuda na inscrição ou dúvida, para que pudéssemos dar continuidade no conteúdo na aula seguinte.



Talvez para alguns possa gerar algum tipo de questionamento, se havia geografia nesse tema abordado. Digamos que talvez a Geografia maior diria que não há geografia envolvida nisso. Mas por outro lado, mostrar aos estudantes da EJA que eles têm não apenas a capacidade, mas também o direito de ingressar em uma universidade pública deve ser uma das atribuições das geografias menores. Conforme nos diz OLIVEIRA JR (2014, p.526, apud OLIVEIRA JR,2019,p.39), “geografias menores são forças minoritárias que se agitam no interior da Geografia maior. Não existem como formas acabadas, mas como potência de devir naquilo que já está estabelecido.”

Na aula seguinte, além das apresentações nós conseguimos debater questões sobre o documentário e alguns estudantes compartilharam conhecimentos em relação ao tema. Além da agricultura e os agrotóxicos, um estudante trouxe seu conhecimento em relação à pecuária e o uso de hormônios, seguimos no questionário, a turma foi bem participativa e possibilitou trocas/reflexões importantes durante a correção. Antes de corrigir a última questão, visto o tempo de aula, mostramos tabelas do número crescente de agrotóxicos no Brasil. Para elaborar o questionário e as perguntas que realizamos durante o estágio utilizamos o planejamento apoiado nos pressupostos da didática e prática-histórico social (LIBÂNEO, 1984), no que se refere a Mediação do professor/estagiário, por meio da seguinte proposta: Situação orientadora inicial: situação motivadora e aguçadora de curiosidade, ligação com as experiências e conhecimentos do sujeito, apresentação clara da temática com roteiro de trabalho e questões instigadoras. (THEVES, TONETTO, 2021).

Na nossa penúltima aula tivemos a presença das nossas professoras orientadoras do estágio, concluímos também as correções do questionário e um estudante que trabalhou no setor agrícola estava presente. Ele participou bastante da aula, contribuindo para a correção e conseqüentemente para o assunto sobre a degradação do bioma Pampa causados pela monocultura. Para a última aula fizemos uma síntese sobre as aulas anteriores, lembrando cada uma delas e colocando definições dos temas discutidos, além das datas e informações sobre ENEM e vestibulares.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

As turmas da EJA tem muitas vivências, isso possibilita trocas de conhecimentos riquíssimas. Acreditamos ser essencial começar a interação conhecendo mais a turma, suas potencialidades e o que eles esperam de nós professores/as estagiários/as. Tivemos um aluno que trabalhou na área agrícola e participou muito dos debates, agregando esse conhecimento. Poderíamos ter planejado uma aula a partir desse conhecimento ou pensado em outras abordagens com as professoras (do estágio e da escola). Dependendo do assunto dado, propor uma saída de campo com a turma, pesquisando espaços perto do colégio que podem agregar a discussão sobre o conteúdo. Utilizamos o auditório, do tamanho de uma sala, para passar o documentário e os slides, infelizmente não conseguimos usar o projetor multimídia, somente a televisão. Recomendamos testar os equipamentos antes da aula e perguntar sobre a sala de informática, pois ela não estava pronta quando estagiamos. A biblioteca é sempre um lugar promissor para serem desenvolvidas atividades. Na sala dos professores há uma caixa com muitos mapas.



Um aspecto importante que deve ser levado em conta e respeitado é a heterogeneidade das turmas da EJA, em nossa turma havia estudantes com 18 anos e outros com mais de 60 anos, também aqueles que estudavam há apenas 3 semanas na escola. Por vezes, é necessário retomar conceitos geográficos e outras questões devido a essas singularidades que compõem uma turma de EJA, por isso, concordamos com Charlot que

temos que considerar que nossas práticas são importantes. A partir de quantos alunos que não entenderam o conteúdo dado, uma professora deve continuar sua aula? (...) A resposta é pedagógica, é profissional, mas é também política porque esse aluno que não entendeu vai mergulhar ainda mais no fracasso escolar. Essa questão prática é também uma questão política, pois o que assim é levantado é a questão da realização de uma escola democrática. (2002, p.24).

4 - Referências:

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**. Florianópolis, v.20, n.Especial, p.17-34, jul./dez.2002

FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS)/ Prefeitura Municipal, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e Prática Histórico Social. **Revista da Associação Nacional de Educação (ANDE)**. Ex. 1, v. 4, n. 8. P. 23-31. 1984.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de Oliveira. As geografias menores nas obras em vídeo de artistas contemporâneos. **XIV Colóquio Ibérico de Geografia**, Departamento de Geografia, Universidade do Minho. Nov. 2014.



Outra fontes consultadas:

Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=22_0_0. Acesso em: 18/03/2022

Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/jspui/bitstream/20.500.11959/21/1/OCR.pdf> Acesso em: 18/03/2022

Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro/default.php?reg=11&p_secao=17 Acesso em: 19/03/2022

Disponível em: http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=22_8_212 Acesso em: 19/03/2022

Disponível em: <https://acervo.uniarp.edu.br/wp-content/uploads/livros/165-Aprendendo-com-AnneFrank.pdf> Acesso

em: 19/03/2022

Disponível em: <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/who-was-anne-frank/quem-foi-anne-frank/>

Acesso em:

20/03/2022

Disponível em: <https://escolaannefrank.weebly.com/> Acesso em: 20/03/2022

Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/inicial> Acesso em: 21/03/2022

Disponível em: http://www.observapoa.com.br/default.php?p_secao=4#Educacao Acesso em: 21/03/2022

Disponível em: <https://www.instagram.com/escolaannefrank/> Acesso em: 21/03/2022

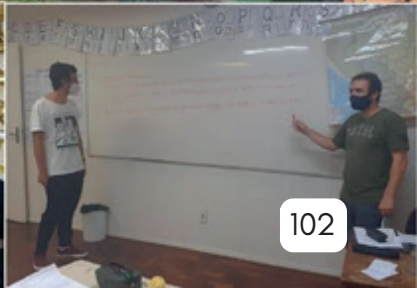
Disponível em: <https://www.facebook.com/EscolaAnneFrankPortoAlegre> Acesso em: 21/03/2022

Disponível em: <https://escolaannefrank.weebly.com/> Acesso em: 20/03/2022



Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA)

Estágio Supervisionado em Geografia II





CONHEÇA A E.M.E.F PORTO ALEGRE (EPA)²⁵

Onde fica: Rua Washington Luiz, 203 - Porto Alegre/RS, CEP 90010-460

Contatos: (51) 3289-5993 E-mail geral: emef.portoalegre@smmed.prefpoa.com.br

Facebook: <https://www.facebook.com/emef.epa> **Instagram:** @emefportoalegre_epa

Turnos de funcionamento:

	FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO	EJA	
	ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS		FUND.	MÉDIO
MANHÃ				X	
TARDE				X	
NOITE					

Total de estudantes matriculados em 2022: 77 estudantes

Projeto Político Pedagógico (PPP): Impresso

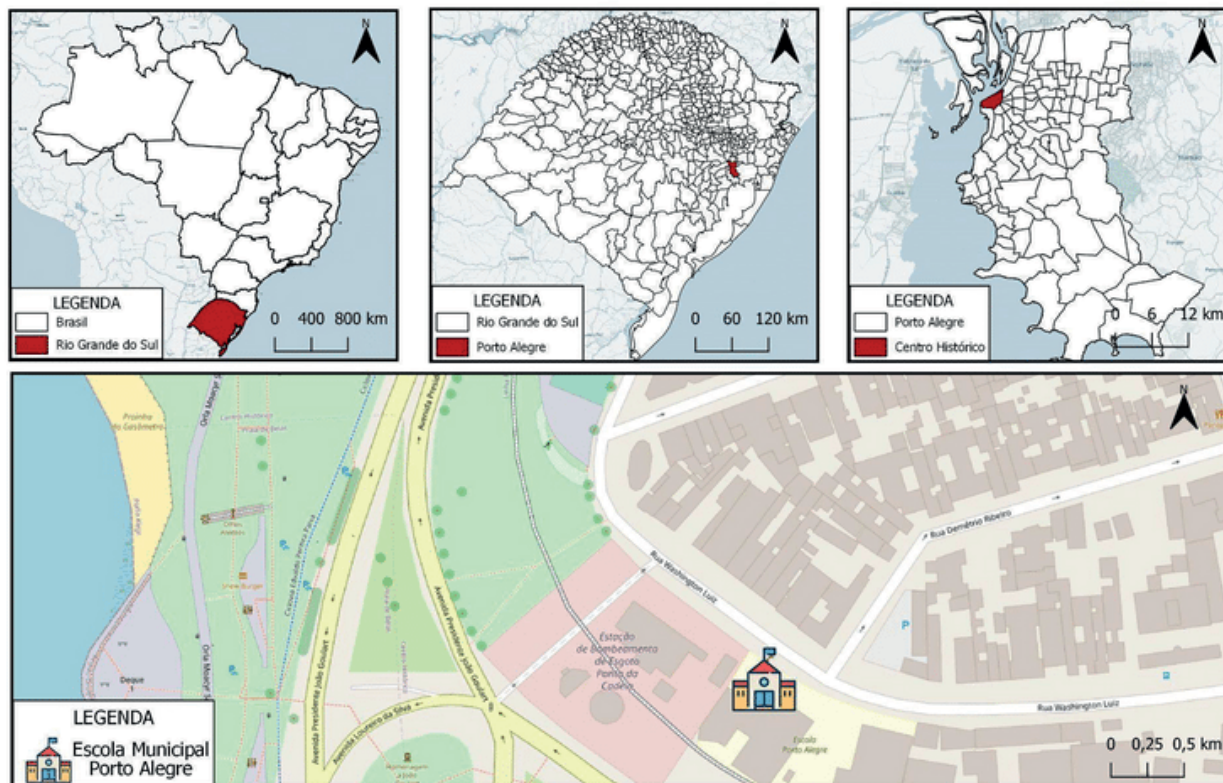
Projetos da Escola: Serviço de Acolhimento Integração e Acompanhamento (SAIA) e Núcleo de Trabalho Educativo (NTE). O NTE por sua vez, é constituído de diversas atividades, como a confecção de papel artesanal, jardinagem, cerâmica e informática.



Fonte: Acervo WikiEscolas, 2021.

²⁵Informações obtidas por meio de entrevista com a coordenadora pedagógica da escola.

LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PORTO ALEGRE



Sistema de Coordenadas Geográficas: DATUM WHS 84 - Bases Cartográficas: IBGE e OSM - Elaborado por: Nicole Magalhães Poltozi - Data: 02/05/2022



CONHEÇA A E.M.E.F PORTO ALEGRE (EPA) ²⁶

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre foi fundada em 1995 no Centro Histórico. A EPA quando fundada, tinha como objetivo, proporcionar o direito à educação às crianças e adolescentes que vivem nas ruas do Centro de Porto Alegre, socialmente excluídos da escolarização formal, cumprindo assim, o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Antes mesmo da inauguração da EPA, a ideia de um projeto educacional que atendesse a população de rua já existia. Desde 1994, se concretizavam projetos e ações para esta finalidade promovidos pela Prefeitura de Porto Alegre e desde 1989 já existia o Serviço de Educação de Jovens e Adultos (SEJA), atendendo pessoas que não tiveram acesso ou que estavam afastadas da educação.

No ano de sua inauguração, a EPA tinha apenas um albergue municipal e um centro socioeducativo diurno, ambos que não atendiam a totalidade de seus/suas estudantes. Ao longo destes 27 anos de existência, a EPA foi base de outros projetos e ações em assistência à população em situação de rua, compondo programas de inclusão social e concretizando um espaço de referência seguro e organizado para estas pessoas. A prioridade de atendimento desta escola é para estudantes que são caracterizados como público da Rede de Proteção Social Especial do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), em média e alta complexidade, o que exige que ela ocupe um lugar diferenciado na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

No Projeto Político Pedagógico da escola há um grande destaque e ênfase para o público que a escola atende e como isso interfere em todo o contexto educativo do local. Por possuir alunos/as em situação de rua e vulnerabilidade social a escola busca a proximidade desta realidade como ponto propulsor do processo de ensino-aprendizagem, em que dizem:

Temos a rua enquanto forma e conteúdo. A rua enquanto forma aponta limites, fronteiras e convergências entre os diversos bairros, regiões e pontos da cidade. Traça os desenhos urbanos e estabelece diretrizes de crescimento para a cidade. Localiza os espaços privados e públicos e serve de caminho para a circulação pública. A rua apresenta-se como união, quando conecta diferentes espaços e, ao mesmo tempo, como divisão, quando aparta quadras, praças, calçadas (PPP-EPA, p.6).

²⁶ Por meio do recorte temático da investigação realizada pelos/as estagiários/as do Estágio Supervisionado em Geografia II - UFRGS, desenvolvido em ERE na UFRGS e com atividades presenciais na escola, no semestre 2021/2.

²⁷ EPA. Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre. Porto Alegre, 2022, 62p.



CONHEÇA O TRABALHO DOCENTE DE ESTAGIÁRIOS/AS E PROFESSORES/AS

No semestre 2021/2, quatro grupos estagiaram nesta escola.

GRUPO UM: Gianluca de Souza Pozzi, Nicole Magalhães Poltozi e Pedro Henrique Razzia Lira

1 - Observação:

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1987, p.79).

Adentrar a escola é um processo desafiador para qualquer professor/a em formação. Vivenciar esse ambiente e entender toda a sua dinamicidade é indispensável, visto que nesse chão se cruzam diversas realidades, inúmeras vivências e infinitas características. Pisar no ambiente singular que a Escola Municipal Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) oferece é de grande aprendizado. Após dois anos de pandemia, respirar esse ar de esperança é engrandecedor, fomentando nosso interior, o nosso SER docente.

De início, conversamos com a professora titular da totalidade por meio de webconferência, nos situando sobre as virtudes da turma. A professora trabalha na área da educação há mais de vinte anos, sendo destes, treze anos na EPA, onde atua com carga horária de quarenta horas semanais. Atualmente é professora referência na Totalidade 3 (T3), pela manhã, e nos Laboratórios de Aprendizagem pela tarde. A professora foi, ainda, bastante acolhedora em nossa rotina de trabalho na escola, auxiliando tanto no planejamento dos planos de interação para as aulas, como com os recursos oferecidos pela escola, que incluem uso de mapas, globos terrestres e projetor multimídia para apresentação de slides, nos dando inteira liberdade durante os encontros para trabalhar com os/as estudantes. Contudo, levando em conta as diferenças entre turma, a discrepância em torno das suas habilidades, tal como, os diferentes graus de instrução e cognição que eles apresentavam, nossas abordagens deveriam ser bem estruturadas.

Ao entrar na sala de aula para a observação pela primeira vez, fomos recebidos de maneira calorosa, com perguntas um tanto íntimas, porém, bem-vindas. As apresentações, bem como, toda a dinâmica das aulas foram detalhadas com o intuito de todos acompanharem. Como estagiários, começamos a atuar ainda na primeira aula de observação, onde auxiliamos os/as estudantes com maior dificuldade a escreverem a sua história de vida, fazendo alusão à temática "Ancestralidade".



Ao longo das observações, foram levantadas inúmeras temáticas que eram voltadas a Geografia, com isso, a professora se direcionava a nós, estagiários, nos dando ideias para trabalharmos nas aulas seguintes. Dessa forma, o período de observação foi tranquilo, no entanto, despertou ansiedade diante do momento em que teríamos que atuar como professores, dando atenção a todas as demandas dos estudantes, bem como, suas particularidades.

2 - Planejamento + Atuação:

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa (FREIRE, 1967, p. 97).

Conhecer o ambiente e o contexto da escola foi de extrema importância para que pensássemos os conteúdos e as metodologias que utilizamos durante as aulas, uma vez que, além de pensar as necessidades específicas da nossa turma (T3), precisávamos reconhecer a realidade vivida na escola, visto que o público atendido nela é de extrema vulnerabilidade social. Foi a partir disso, e do que a turma foi nos trazendo com dúvidas e curiosidades durante o estágio, que projetamos os conteúdos de cada aula. Ao todo, ministramos cinco aulas, sempre das 8h às 10h nas manhãs de quarta-feira. Na primeira aula visamos realizar um levantamento prévio do que a turma entendia por Geografia, através de uma nuvem de palavras com conceitos, colocados por eles, importantes para compreendê-la. A segunda buscando aproximá-los do objeto de estudo da Geografia, através da utilização de mapas com diferentes escalas (Mapa-múndi, Mapas da América do Sul, do Brasil, do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre e do Centro Histórico), a fim de que eles pudessem identificar e localizar o seu lugar no mundo. A terceira aula teve o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de referenciais da cartografia, com a utilização da rosa dos ventos (desenhada no chão do pátio da escola) e localizar pontos de referência utilizando os pontos cardeais e colaterais. Na quarta aula buscamos fazê-los identificar as características das diferentes regiões do Brasil, buscando semelhanças e diferenças entre estas. Por fim, na última aula, realizamos uma caracterização da população brasileira como um todo, especificando as diferenças entre as regiões e, após, como encerramento, propusemos uma atividade em que eles deveriam se reconhecer nestas características e realizar uma auto leitura, definindo, com base no que se sentissem à vontade de declarar, cor, religião, sexo, nacionalidade, dentre outras características. Além disso, eles tiveram a liberdade de desenhar a si mesmos com o auxílio dos giz de cera que possuem diversos tons de pele para, assim, conseguirem melhor se auto representar.



Como dito, o público acolhido pela escola é o de pessoas em vulnerabilidade social, havendo estudantes que encontram-se em situação de rua, vivendo em abrigos temporários, ou até mesmo que moram com os pais, como o caso de um estudante da T3. A nossa turma contava com quinze estudantes matriculados, embora a média de presença nos encontros variava entre quatro e seis estudantes. Havia especificidades de cada um, como o caso de um estudante com o qual tínhamos que adaptar nossa metodologia de comunicação a fim de incluí-lo na dinâmica e outros que não foram inteiramente alfabetizados e possuíam dificuldade de leitura e escrita. Contudo, mesmo com a baixa presença, em todos os encontros tivemos participação marcante da turma, por vezes com indagações e colocações bastante pertinentes. Foram eles, inclusive, que guiaram a dinâmica de nossas aulas, visto que planejamos semanalmente os encontros baseados no que eles nos colocavam como dúvidas ou curiosidades, realizando então uma aprendizagem que partia inteiramente deles. Não foram poucos os momentos de trocas e diálogos, nos quais foi possível compartilhar vivências diferentes entre as pessoas presentes.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as

Ao longo do curso de graduação, principalmente das licenciaturas, há sempre uma longa e ansiosa espera para o momento do estágio e quando este chega, com ele vem a hesitação e o medo. Podemos dizer que conosco não foi diferente. Depois de passarmos por um primeiro estágio de forma remota devido a pandemia de Covid-19, as expectativas para realizar uma prática presencial estavam altas, mas a insegurança também. Como eu serei como professor/a? O que as turmas vão pensar da minha aula? Como acolher todos/as?

Além disso, escolher a Totalidade 3 foi um movimento desafiador, pois nos deslocamos da atuação formal da Geografia como disciplina. Trabalhar conjuntamente com a Pedagogia, no processo de alfabetização dos/as estudantes é um movimento que impulsiona o ato de ensinar, principalmente através da interdisciplinaridade. Contudo, como se fosse um passe de mágica, ao pisar na sala de aula da T3 os medos maiores se esvaíram. Não há palavra melhor para descrever o que sentimos ao longo de toda a nossa prática se não "acolhimento".

Sabemos dos desafios que permeiam um estágio em um ambiente escolar diferenciado como a EPA, com pessoas que trazem consigo histórias e experiências jamais imagináveis e com curiosidades e debates tão necessários e desconfortantes. Sobre essa vivência, Paulo Freire (1987, p. 20) nos diz muito bem que: "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre". E mais que nunca, tal citação fez tanto sentido. O sentimento após esse estágio é que não saímos os mesmos estudantes e nem os mesmos professores, tudo mudou, novos horizontes se abriram e olhares se expandiram. Vimos, mais que nunca, como a relação professor-aluno transforma a aprendizagem por meio de uma troca rica de saberes.



Então, só resta a dizer para os próximos estagiários que passarão por esta escola, esta turma e esta experiência, que estejam preparados para sair totalmente de uma posição confortável quando professores/as em período de estágio, que estejam prontos para as mudanças que acontecerão em vocês como educadores e que estejam prontos, principalmente, para entender o que é uma educação acolhedora e porque Freire nos dizia que “a educação é um ato de amor” (FREIRE, 1967, p. 97).

4 - Referências:

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

109



GRUPO DOIS: Maria Antonia Claro de Souza, Pedro Wenzel de Moraes e Leandro Sant'Anna Cabreira

1 - Observação:

Consideramos, nesta escrita, que a observação do estágio começou antes mesmo de entrarmos em contato com a escola. Nossa observação começou no primeiro dia de aula da disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, com as professoras orientadoras da UFRGS, através das discussões e das propostas deste estágio, começamos a nos preparar para a atuação enquanto estagiários de espaços educativos diversos. Foram realizadas leituras, debates e discussões e, através delas, nosso olhar de estudantes de Licenciatura em Geografia começou a ser aguçado. Após escolhermos a escola onde atuaríamos enquanto estagiários, começamos a pesquisar sobre a história do bairro e em qual contexto político-histórico-social a escola está inserida. Ao realizarmos a entrevista on-line com a coordenadora pedagógica, definimos em qual turma iríamos atuar – Totalidade 4 – e investigamos, de maneira cuidadosa, sobre a escola e seus alunos. Após esses passos, estávamos prontos para realizar nosso primeiro contato com a turma. Foi necessário também reconhecer a EPA e sua história. A EPA é uma escola voltada para população em situação de rua e/ou em extrema vulnerabilidade social, sendo uma das únicas escolas brasileiras com esse escopo. A EPA conta com um Projeto Político Pedagógico (PPP) que parte de uma metodologia de (re)construção de Projetos de vida, que tem no acolhimento e no acompanhamento seus maiores e fundamentais alicerces. É indiscutível a importância social desempenhada pela EPA, e quando a conhecemos de perto, esse valor apenas se reafirma. Além dos diversos projetos e atividades que a escola dispõe, o seu conteúdo pedagógico é pensado a partir e para os/as estudantes, fazendo com que a sala de aula não se torne um espaço a parte de suas vivências, mas algo que as complementam, tornando-se assim, uma dinâmica singular.

A partir de uma observação da aula pudemos entender como funcionava a dinâmica daquela sala de aula, bem como, quem eram os/as estudantes que a compunham. Depois de acompanhar tais e entender um pouco mais das particularidades da turma, começamos a pensar e planejar como atuar naquele espaço da melhor forma possível, construindo o conhecimento a partir da realidade na qual a escola está inserida. Durante as aulas e observações também foi possível perceber como a escola desenvolve um papel muito importante na vida destes alunos/as, muito estão no espaço escolar para além da sala de aula, participando dos projetos, indo no horário inverso para participar de atividades, outros estão na escola quando podem, porém, um ponto os unem: a admiração pela EPA e pelo papel que ela desempenha em suas vidas, bem como a consciência de que a EPA não é apenas uma escola, mas um espaço seguro onde se desenvolve a cidadania.



2 - Planejamento + Atuação:

Apesar de termos conhecido a escola através das pesquisas nas redes sociais na Internet e entrevistas com a coordenação e com o professor titular de Geografia, além de observar dois períodos de Geografia da turma, só entendemos de fato as dinâmicas da EPA durante e após a nossa primeira aula, que foi sobre fuso horário. Nela, percebemos a necessidade de aproximar os conteúdos com as vivências dos/as estudantes, que possuem uma visão muito rica sobre a vida e a relação da sociedade com o espaço urbano de Porto Alegre (RS). Claro que assuntos menos relacionados com o cotidiano dos estudantes também são fundamentais para se abordar, como o próprio fuso horário e questões que possuem a Terra como objeto de estudo, porém sentimos muita dificuldade em aproximar esses tópicos com o dia a dia deles devido às suas condições de vulnerabilidade social. Diversos foram os relatos de alunos que não possuíam acesso à internet e televisão, inclusive alguns tiveram seu primeiro contato com computadores e ferramentas de busca e navegação naquele ano, graças à escola.

Após essa percepção inicial, voltamos nossos planejamentos para uma geografia mais urbana e voltada para questões sociais, e que apesar de termos uma média de quatro alunos por aula, todos eram extremamente dedicados e participativos, com comentários que agregaram muito durante nossos debates. A escola também dispõe de diversos mapas nas mais variadas escalas, o que possibilita uma visualização espacial com maior facilidade e riqueza de detalhes. Dessa forma, buscamos sempre trazer as discussões sob o contexto de Porto Alegre ou do Rio Grande do Sul devido a maior familiarização com esses lugares. Além do fuso horário, também trabalhamos a formação histórica e espacial do Rio Grande do Sul e sua capital, além dos modais de transporte e dos meios de comunicação, bem como, sua evolução vem influenciando os mais diversos aspectos da sociedade.

Havia também uma variação bem grande de idade entre os/as estudantes, com um sendo menor de idade e os outros estando na média dos trinta e cinco anos, contudo, isso não representou nenhum empecilho nos assuntos trabalhados em sala, visto que todos participaram a partir de seus pontos de vista, e mesmo com a maioria dos estudantes tendo idades maiores que a de nós professores/as estagiários/as, o respeito sempre prevaleceu de ambas as partes. Diversos foram os momentos em que a turma nos forneceu explicações sobre os questionamentos que trazíamos, e o momento de escuta de seus relatos, que além de contribuir para as aulas, também eram necessários para que pudéssemos entender quais eram suas demandas e como são suas visões de mundo. Diversos dos pontos trazidos por eles não constavam em nosso planejamento, porém foi a partir deles que conseguimos relacionar com os temas previstos para cada aula.



3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as:

A Escola Porto Alegre foi uma experiência muito marcante para nosso grupo, que aprendeu tanto a ouvir quanto a falar com uma turma, especialmente com estudantes em vulnerabilidade social. Destaca-se que em todas as aulas houve muita participação por parte dos/das estudantes, que sabem da importância da escola e do aprendizado, bem como, são cientes da oportunidade que a escolarização representa em suas vidas. Percebemos também uma grande vontade por parte da turma de ter o conteúdo copiado (registrado) em seu caderno, portanto, seria de grande interesse planejar também o uso do quadro durante as aulas, dedicando uma certa atenção para detalhes como o tamanho da letra que for escrever e como organizar os tópicos do dia.

Diríamos também que é essencial a visita da escola em ambos os turnos, visto que a frequência dos/as estudantes varia bastante de acordo com suas necessidades, tornando a presença deles uma característica cíclica. Além disso, a escola conta com dois ateliês muito interessantes, sendo um de produção de papel reciclado e outro de cerâmica. Essas atividades que despertam o lado artístico também chamam muito a atenção deles, que encontram nas artes uma liberdade na forma de expressar seus sentimentos e seus saberes.

Para concluir, gostaríamos de enfatizar que a EPA é um lugar onde os/as estudantes encontram acolhimento para seus estudos, e a oportunidade de estagiar junto a eles é transformadora na forma de se pensar e planejar uma aula. As dificuldades podem parecer enormes no começo, porém ao se apresentar e fazer uma breve introdução do que será estudado, o companheirismo e a vontade de aprender dos estudantes some com todo o nervosismo, e os períodos passam com uma tranquilidade que acalma e conforta. Ouvir o que eles têm a dizer é fundamental para estabelecer a relação professor-estudante. Assim, após esse estágio, os horizontes do ensino e aprendizagem são expandidos de uma forma transformadora, que iremos carregar enquanto professores para sempre.

4 - Referências:

MARTINEZ, Cesar Augusto Ferrari. **O currículo vai à rua ou a rua vem ao currículo?** Porto Alegre, p. 1-110, 1 maio 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>>. Acesso em 03 mai. 2022.

ROSA, Márcia Gil. **A Gestão de uma Escola Especializada no Atendimento de Adolescentes e Jovens com trajetória de vida nas ruas. 2008.** Disponível em: <https://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/epa/pdf/marcia_gil_tcc.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.



GRUPO TRÊS: João Pedro Silva Barbosa, Rodrigo Cambará de Aquino Silveira e Raul Gick Schumacher

1 - Observação:

A nossa experiência começou de forma remota e focada na contextualização do que seria o Estágio Supervisionado em Geografia II. Com os colegas da referida atividade de ensino e com a orientação das Professoras Denise e Élide nos debruçamos sobre textos que abordaram a Educação Não Formal, que é o grande eixo desta etapa do curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS. Além das leituras tivemos atividades com simulações dos desafios que encontraríamos em cada uma das escolas que nos acolheram. Na sequência começamos a pesquisar registros (vídeos, textos, entrevistas) relacionados à Escola Porto Alegre (EPA). Estudamos, também, as experiências vivenciadas dos/as estagiários/as de semestres anteriores na mesma escola.

Nosso primeiro contato com a escola propriamente dita foi através da coordenadora pedagógica da EPA. Marcamos uma reunião remota com ela e deste encontro obtivemos uma apresentação mais fiel à realidade da escola neste ano, afinal, os documentos que estudamos já estavam datados em alguns aspectos. Foi nesse evento que tomamos conhecimento da turma que trabalharíamos, e já recebemos algumas dicas sobre como desenvolver nossa atuação, sobre estudantes com necessidades educativas especiais e sobre a dinâmica de participação das turmas de forma geral. Na entrevista a coordenadora frisou que embora a EPA ofereça uma certa estrutura e serviços como: alimentação, espaço para lavar e estender roupas, aquele espaço não é assistencial e sim educacional.

Deste modo, com o conhecimento e a contextualização que a referida coordenadora compartilhou conosco pudemos, enfim, visitar a escola. Foi em uma segunda-feira chuvosa. Esses dois detalhes são importantes porque são dois fatores que dificultam o acesso dos/as estudantes à escola. E como nossos períodos de aula eram nas segundas e nas terças-feiras percebemos que não poderíamos planejar atividades mais elaboradas no primeiro dia útil de cada semana, porque a turma estaria quase sempre desfalcada. De todo modo, nossa experiência de visitar a escola foi muita rica. Além de conhecer o espaço participamos de uma aula sobre a confecção de sabão com óleo de cozinha, conhecemos a oficina de papel reciclado com uma ex-aluna, conhecemos o projeto da agrofloresta com a professora de Artes, conhecemos o professor de Geografia e também participamos de uma reunião pedagógica, que ocorre todas às quartas-feiras. Ao participar da reunião pedagógica foi possível perceber como o corpo docente da EPA é unido e está sempre planejando atividades coletivamente, especialmente aquelas que envolvam todas as áreas do conhecimento e que estejam associadas à realidade diversa dos estudantes. E foi na referida reunião que surgiu uma demanda da escola e que transformou-se em uma proposta para nosso planejamento: trabalhar com os conceitos de Território e Territorialidade na T5, porque um dos projetos temáticos seria relacionado a estes temas.



Na semana seguinte retornamos à escola para observar a aula do professor de Geografia da T5. Conhecemos a turma e solicitamos que respondessem um pequeno questionário sobre seus interesses, bem como sobre temas que havíamos pensando em desenvolver com eles. Com essa ação, começamos a estabelecer o diálogo com os interesses e saberes da turma, e assim, passamos a planejar, aula por aula, atividade por atividade, sempre refletindo sobre as direções a partir das reflexões pós-aula.

2 - Planejamento + Atuação:

A partir das respostas da turma foi possível inferir que a maior parte deles gostaria de estudar Geografia a partir do projeto da Agrofloresta, desenvolvido pela professora de Artes. Um primeiro desafio surgiu: como elaborar um planejamento se a participação dos estudantes é volátil? E depois de uma reunião com as professoras orientadoras na UFRGS tivemos uma ideia de como lidar com isso. Nessa orientação entendemos que embora os/as estudantes não conseguissem participar de todas as aulas, nós estaríamos em todas elas, portanto, o eixo do planejamento era nosso.

Conforme o andamento do estágio poderíamos adaptar ele às demandas da turma, mas isso de forma alguma nos impedia de estabelecer um parâmetro de orientação.

E assim planejamos cinco interações (aulas), desenvolvidas ao longo de cinco semanas. Por conta de uma série de imprevistos, acabamos desdobrando essas interações em oito aulas mais uma oficina de fotografia. Percebemos que conseguimos nos manter no eixo do planejamento, mas adaptamos algumas atividades para atender às particularidades da turma e também suas demandas. E a partir disso tivemos um aprendizado simples, mas muito importante, que talvez não percebamos: nós mudamos ao longo do tempo, estamos em estado constate de aprendizado. A cada interação com a turma, conhecíamos melhor eles, e tornamos nosso vínculo mais estreito. De olhos bem abertos e ouvidos atentos, nos colocamos à disposição da turma para seus interesses, mas sempre estabelecendo conexões com aquilo que planejamos. Então planejamos aula por aula, conforme aquilo de novo que surgia a cada interação com a turma.

No entanto, que eixo era esse? E quais interações conseguimos planejar e concluir, afinal? O nosso plano inicial era trabalhar com a turma os conceitos de Paisagem, Território, Territorialidade, Fundamentos da Cartografia, Movimento Aparente do Sol, Geografia Agrária, Geografia Urbana, Identidade e Pertencimento. Em relação ao projeto da Agrofloresta nossa ideia era plantar com a turma alguma árvore em algum espaço adequado para isso na escola. Então todas as aulas seriam focadas na investigação, com os/as estudantes, do melhor lugar para realizar essa atividade. No entanto, não conseguimos realizar essa atividade. Então substituímos ela por uma oficina de fotografia e noções espaciais, para entendermos melhor o conceito de paisagem.



Todos esses conceitos e também a oficina tiveram um momento de reflexão prévio na sala de aula, por meio de questionamentos e debates. Todos/as, de uma forma ou de outra, participavam das aulas. Seguindo esta dinâmica percebemos a viabilidade da oficina de fotografia. Com um estudo prévio dentro da sala de aula sobre perspectiva das fotos (visão frontal, oblíqua, vertical) conseguimos realizar a atividade com eles no pátio. Foi um momento muito especial e os/as estudantes ficaram bem empolgados com aquela experiência. Além das fotos, levamos um croqui da escola e convidamos eles/as a localizarem no mapa onde eles estavam quando tiraram cada uma das fotos. Uma das professoras orientadoras que acompanhava nossa aula comentou sobre como o exercício de enxergar a realidade no mapa é importante para não dissociar as duas representações. Afinal, o mapa não é um espaço à parte, ele é uma representação da própria realidade. Na aula seguinte projetamos as fotos e discutimos com a turma quais elementos daquelas paisagens se destacavam e o que estava sendo representado, além de proporcionar aos/às estudantes, autores das fotos, que revelassem sua intencionalidade ao efetuar cada registro. Neste momento contamos com a participação da professora de Artes.

3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as:

Acreditamos que no espaço escolar da EPA é possível realizar diversas atividades, pois no local existem diferentes espaços potentes, viabilizando oficinas e planejamentos, a depender da turma e sua interação. Além do espaço incrível onde a EPA está localizada, o corpo docente e a direção vigente são muito acolhedores, permitindo diferentes interações, aulas e oficinas. Desta forma, pensamos ser muito proveitoso para nossa formação estarmos presente em um espaço educativo diverso com as potencialidades da Escola Porto Alegre.

Ademais, pensamos ser um ambiente com grande potencial para que se aproveite as possibilidades de trabalhos interdisciplinares, especialmente com a professora de Artes, mas também com possíveis trabalhos sobre diferentes conceitos da Geografia, que poderão ser explorados em conjunto com o professor da disciplina. As oficinas que são produzidas na escola convergem em diferentes pontos e perspectivas com a Geografia, tivemos a oportunidade de conhecer o ateliê de cerâmica, a oficina de produção de papel artesanal reciclado, a oficina de hortas e adubagem e até mesmo a oficina que estava começando, sobre como produzir sabão caseiro com óleo reciclado e vimos nestes diferentes espaços diversas possibilidades de experiências que podem ser construídas. Desta forma, sugerimos aos futuros estagiários da escola que se façam presentes nas mais diversas oficinas e interações, assim enriquecendo a formação docente de cada um. Portanto, com o conjunto das oficinas desenvolvidas e a estrutura proporcionada pela EPA, se torna possível contribuir para a comunidade escolar da mesma forma que vivenciar a escola é um imensurável aprendizado.



4 - Referências:

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. **O currículo vai à rua ou a rua vai ao currículo?** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>. Acesso em: 24 jun. 2022.



GRUPO QUATRO: Gabriela Bezerra da Silva, Sandro Monticelli Petró e William Prux

1 - Observação:

A observação do Estágio Supervisionado em Geografia II teve início nas primeiras aulas da disciplina, quando começamos nossas pesquisas e estudos sobre a educação, a docência e os espaços educativos diversos. Nesse momento inicial, as aulas com as professoras orientadoras do estágio na UFRGS foram realizadas de forma remota. Foi nesse momento também que fizemos a escolha do espaço educativo diverso em que iríamos atuar, optando desta forma, pela EPA, Escola Pública Municipal voltada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) na etapa do Ensino Fundamental. Além disso, a EPA é uma das duas únicas “[...] escolas do Brasil voltadas exclusivamente para o atendimento de jovens e adultos em situação de rua [...]” (GOMES, 2022, p. 1). A escola é também um espaço de resistência, já que frequentemente é ameaçada de fechamento pela prefeitura de Porto Alegre. Conforme explicado pela coordenadora pedagógica, é graças a uma liminar conquistada na justiça que o funcionamento da escola se mantém. Nesse sentido, as pesquisas e os estudos realizados sobre a EPA se deram através da análise das redes sociais online da escola e de referências como: Martinez (2012); Theves, Cardoso e Tonetto (2021); Gomes (2021), além dos trabalhos realizados pelos/as estagiários/as do semestre anterior. Desta forma, esse momento inicial foi fundamental para nossa posterior atuação na EPA, já que a partir dele, pudemos investigar sobre a escola e seus contextos antes de, efetivamente, ir presencialmente até o local.

Posteriormente, seguindo a proposta de docência compartilhada, tivemos, já em trios, nosso primeiro contato com a coordenadora pedagógica da escola através de uma entrevista realizada de forma remota. Nessa entrevista, realizamos a escolha da turma, que foi a Totalidade 6 (T6), correspondente ao último ano do Ensino Fundamental. Também pudemos observar a escola, registrando informações e percepções nos roteiros de observação, que incluía diversos aspectos do espaço escolar, como por exemplo, a história e as características do espaço geográfico onde a escola estava inserida, a relação desse espaço e da escola com a cidade, as turmas, entre outros. Além disso, antes de iniciarmos nossa atuação na EPA, em decorrência dos trâmites legais e do cronograma apertado, tivemos a oportunidade de observar presencialmente uma das aulas da T6, ministrada pelo professor de Geografia recém ingresso na instituição, o que foi muito significativo por nos possibilitar o primeiro contato com os/as estudantes



2 - Planejamento + Atuação:

Sem dúvida, o momento do estágio voltado à observação, que incluiu as pesquisas, estudos, entrevista e visita presencial, foi fundamental para que pudéssemos conhecer a EPA, o contexto escolar, as turmas, os/as estudantes, e assim, refletir sobre nossa prática docente. Compreendemos que as atividades propostas para a Tó, dentro da nossa área, estavam muito atreladas aos conceitos de paisagem e lugar, justamente para demonstrar a relação das vivências dos estudantes com a Geografia. Desta forma, buscamos realizar os planejamentos das nossas aulas com base nessas vivências e nas relações dos estudantes com o cotidiano urbano de Porto Alegre. Nesse sentido, também buscamos propor aquilo que já vínhamos conversando em aula: a escuta sensível e a perspectiva dialógica. Ao todo, ministramos cinco aulas, em que abordamos os temas: segregação socioespacial, industrialização e urbanização, globalização e seus impactos, impactos ambientais e demografia, sempre pela perspectiva de Porto Alegre. Ressaltamos que a escola possui mapas em diversas escalas, que sempre ficaram disponíveis para que, nós estagiários/as, pudéssemos utilizá-los, e de fato, foi o recurso que mais utilizamos durante as aulas.

De acordo com a coordenadora pedagógica, “[...] o público atendido na escola é de extrema vulnerabilidade social, além de uma grande parcela de estudantes com necessidades de educação especial (NEE)” (THEVES, CARDOSO, TONETTO, 2021, p. 16-17). A maior parte desses estudantes encontra-se em situação de rua. Alguns até residem em abrigos através de serviços de abrigo social, mas é um serviço temporário. Em relação a Tó especificamente, já na entrevista com a coordenadora, soubemos que era a menor turma da escola em relação a quantidade de estudantes. Mas mesmo com poucos em sala, sempre contamos com a participação de quem estava presente. Tais estudantes participaram e interagiram bastante, sempre contribuindo para a construção da aula através dos relatos de suas experiências pessoais e dos seus amplos conhecimentos a respeito da cidade de Porto Alegre, por exemplo. Muitas vezes, as discussões trazidas e/ou questionadas pelos/as estudantes não estavam no nosso planejamento inicial, mas foi a partir desses momentos, que ocorreram muitas trocas e diálogos.

A escola de modo geral, busca romper com a estigmatização com a qual esses estudantes sofrem devido a posição de invisibilidade social na qual se encontram. Por isso, como discutem Theves, Cardoso e Tonetto (2021), na EPA, além das questões cognitivas formais, também se trabalha com a organização física e social dos estudantes, o que inclui tanto suas demandas educacionais quanto afetivas. Pudemos observar ainda mais esse cuidado/sensibilidade (não em um sentido assistencialista) da escola com os contextos e cotidianos dos/as estudantes, com seus perfis e seus conhecimentos durante nossa atuação.



3 - Compartilhando ideias com os próximos estagiários/as:

Diríamos aos próximos estagiários que aproveitem bastante o período de estudos junto às leituras propostas, pois esse momento inicial faz muita diferença na atuação posteriormente. Se possível, busquem visitar a escola e realizar a observação por mais de um dia, tendo em vista o caráter cíclico da presença de muitos dos/as estudantes que frequentam a turma. Estar presente em mais situações permitirá, a partir de uma maior amostragem, conhecer mais integrantes da turma que os acompanharão durante sua caminhada pela atuação na escola. Cada etapa do estágio é muito significativa e “dar” aulas na EPA foi sempre ter uma aula também. Foi através das escutas e diálogos que pudemos aprender muito ao longo desses últimos meses.

A EPA possui um espaço interno incrível, que conta com um ateliê de produção de papel reciclado e cartonagem, um ateliê de cerâmica, uma biblioteca e uma quadra de esportes. Infelizmente, não conseguimos realizar uma aula ou atividade nesses lugares, por isso, também diríamos aos próximos/as estagiários/as, que se possível, aproveitem esses lugares para a proposta de alguma atividade. De acordo com a coordenação pedagógica (2010 apud MARTINEZ, 2012), na escola não há espaço que não acolha. E foi exatamente assim que nos sentimos enquanto estagiários/as na EPA: acolhidos por todos/as.

Desta forma, deixamos registrado nossos agradecimentos às professoras orientadoras na UFRGS, à coordenadora pedagógica, ao professor de Geografia, aos demais servidores da escola e aos estudantes da EPA, que foram extremamente receptivos conosco desde o início. Foi uma experiência maravilhosa da qual pudemos compartilhar em conjunto!



4 - Referências:

GOMES, Luís. Voltada para estudantes em situação de rua, EPA é premiada por trabalho na pandemia: Projeto "Manual de Sobrevivência da EPA" recebeu premiação nacional por trabalho desenvolvido durante a pandemia. In: **Sul21**, 26 fev. 2022. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/educacao/2022/02/voltada-para-estudantes-em-situacao-de-rua-epa-e-premiada-por-rabalho-na-pandemia>>. Acesso em 03 mai. 2022.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. **O currículo vai à rua ou a rua vai ao currículo?** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>. Acesso em: 24 jun. 2022.

THEVES, Denise Wildner; CARDOSO, Daniela; TONETTO, Élica Pasini. Trilhando novos caminhos na educação: escuta, partilha e negociação no diálogo entre o curso de Licenciatura em Geografia da UFRGS e a Escola Municipal Porto Alegre (EPA). In: GEREMIAS, Agnaldo Aparecido et al, (org.). **Questões e práticas educacionais em tempos de pandemia**. 1. ed. São Paulo: [s. n.], 2021. p. 15-26.



PARA SABER MAIS²⁸

ADICHIE, Chimamanda Ngozi; O perigo de uma história única. disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs24lzeg>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. NOTA/ MANIFESTO: A que Geografia recorrem os grupos sociais excluídos? E por que a escola não lhes escuta? **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 7, n.14, p. 07-11, 2020. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/2462>. Acesso em: 13 jan. 2022.

FERREIRA, Débora Schardosin; TONINI, Ivaine Maria. Há uma escola como lugar em período de pandemia?. **Ensaios De Geografia**, v. 5 n. 10 (2020), 27- 32. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/42582. Acesso em: 14 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de Freitas. Neotecnicismo digital. In: **Avaliação educacional – Blog do Freitas**. 11 jul. 2021. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnicismo-digital/>. Acesso em 20 jul. 2021.

GIROTO, Eduardo Donizeti. Dos PCNs a BNCC: O Ensino de Geografia sob o domínio Neoliberal/From Pcms To Bncc: The Geography Teaching Under The Neoliberal Domain. **Geo UERJ**, [S.l.], n. 30, p. 419-439, out. 2016. ISSN 1981-9021. Disponível em: . Acesso em: 14 jan. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, Campinas, v.7, n.77, p. 10-20, 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/noticias/2020/05/13/educacao-nao-formal-direitos-e-aprendizagensdos-cidadaos-em-tempos-do>. Acesso em: 24 jun. 2022.

HOOKS, Bell. Confrontação da classe social na sala de aula In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

²⁸ Materiais de estudo e reflexão utilizados ao longo do Estágio Supervisionado em Geografia I e II.



KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria. Artesania, Felicidade, Empatia: assuntos não geográficos para o estagiário de Geografia construir sua identidade docente. **Geographia Meriodinalis**. V. 3, N. 2 (2017). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/11864>. Acesso em: 14 jan. 2022.

LUCENA LIMA, Maria Socorro; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis Pedagógica**, [s. l.], v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em 17 jan.

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. **O currículo vai à rua ou a rua vai ao currículo?** Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>. Acesso em: 24 jun. 2022.

MARQUES, Roberto. **BNCC, Geografia e docentes da Geografia**. 2015. Disponível em: [http://files.agbrio.webnode.com.br/2000003501413c150db/agb%20bncc%20roberto%20\(1\).pdf](http://files.agbrio.webnode.com.br/2000003501413c150db/agb%20bncc%20roberto%20(1).pdf) . Acesso em: 20 nov.2021.

SARAIVA, Carla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Camila. **A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343916822_A_educacao_em_tempos_de_COVID-19_ensino_remoto_e_exaustao_docente. Acesso em: 10 jan. 2022.

TECNOPOLÍTICA #88: As alternativas à plataformização da educação. Direção: **Podcast Tecnopolítica**. [S. l.: s. n.], [s.d.]. (52:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5pQravOLus&t=8s>. Acesso em: 4 ago. 2021.

TECNOPOLÍTICA #90: Pensamento crítico na era digital. Direção: **Podcast Tecnopolítica**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. (51:22). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUU-uQkD67s>. Acesso em: 4 ago. 2021.



THEVES, Denise Wildner; TONETTO, Élide Pasini; CARDOSO, Daniela. Trilhando novos caminhos na educação: escuta, partilha e negociação no diálogo entre o curso de licenciatura em Geografia da Ufrgs e a Escola Municipal Porto Alegre (EPA). In: GEREMIAS, Agnaldo Aparecido; BARROS, Gabriel Renan Neves; SOUZA, João Clemente de; LOPES, Neto Leandro Alves. (Org.). **Questões e práticas educacionais em tempos de Pandemia**. São Paulo - SP: BT Acadêmica, 2021, v. 1, p. 15-26.

UBERTI, Luciane; CORAZZA, Sandra Mara. **Planejamento de Ensino como estratégia de política cultural: planejar para lutar**, 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/faced/wp-content/uploads/2021/07/Planejamentode-ensinocomo-estrategia-de-politica-cultural_Luciane-Uberti.pdf. Acesso em: 04 fev. 2022.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 - 1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>. Acesso em: 24 jun. 2022.



QUER COLABORAR?

O trabalho de construção do Atlas WikiEscolas foi intenso e colaborativo, agradecemos por compreender que os/as envolvidos/as estão em processo de aprendizagem. Por isso, deixamos um convite:

- Encontrou alguma informação equivocada no Atlas?
- Quer sugerir algum outro tema para as próximas edições do Atlas?
- Que fazer um elogio ou sugestão?
- Outros?

Entre em contato com o WikiEscolas: wikiescolasufrgs@gmail.com

Agradecemos por fortalecer as conexões públicas entre universidade-escolas-comunidades.

Equipe WikiEscolas 2021/2022 - 2022/2023.

ORGANIZAÇÃO:
WIKI ESCOLAS/UFRGS

